



Universidade de Évora

Mestrado em Ciências da Educação

*Especialização em Administração e Gestão
Educativa*

Dissertação

**Uma Visão da Escola pela Comunidade
Educativa**

**Estudo de caso : Escolas n.ºs 970, 9085 e
9131- Zango-Viana-Luanda-Angola**

Mestrando: Tomé Manuel Pena, n.º 4603

Orientadora: Professora Dr^a Marília Evangelina Sota Favinha

Março 2012

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	5
AGRADECIMENTO ESPECIAL	6
RESUMO	8
A PERSPECTIVE FOR THE SCHOOL COMMUNITY EDUCATION . A CASE STUDY : SCHOOL 970, 9085 AND 9131, ZANGO, VIANA, LUANDA, ANGOLA	9
INTRODUÇÃO	10
1. OBJETO E JUSTIFICAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	15
2. PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO	17
3. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	18
4. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO	19
4.1 <i>Objetivo geral</i>	19
4.2 <i>Objetivos específicos</i>	19
5. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO	19
6. ORGANIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO	19
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	21
CAPITULO I - A ESCOLA	22
1.1 <i>A Escola sob a perspetiva histórica</i>	23
1.2 <i>A perspetiva pedagógica da Escola</i>	24
1.3 <i>A Escola sob a perspetiva sociológica</i>	25
1.4 <i>A Relação entre a Escola e a Comunidade Educativa</i>	27
CAPITULO II – ESCOLA, FAMÍLIA E AS COMUNIDADES	29
2.1 <i>A Família e a Escola corresponsáveis pela educação</i>	29
2.2 <i>Envolvimento na Escola</i>	32
2.3 <i>Envolvimento em atividades de aprendizagem em casa</i>	32
2.4 <i>Envolvimento na tomada de decisão, administração e consultoria</i>	32
2.5 <i>Colaboração e Intercâmbio com as Organizações Comunitárias</i>	33
PARTE II - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	34
CAPITULO III - METODOLOGIA	35
3.1 <i>Natureza do estudo</i>	36
3.2 <i>População e amostra de estudo</i>	37
3.3 <i>Caracterização do campo de investigação</i>	38
CAPITULO IV- MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO	40

4.1 Técnicas e instrumentos de pesquisa	40
4.2 Questionário	41
4.3 Análise bibliográfica	41
4.4 Observação direta informal não sistematizada	42
4.5 Procedimentos e dificuldades encontradas	42
CAPITULO V - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	44
CAPÍTULO VI - INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	57
6.1 A percepção que a Comunidade Educativa tem da Escola.....	57
6.2 A planificação das atividades realizadas na Escola.....	59
6.3 O impacto da percepção que a Comunidade Educativa tem da Escola e o seu envolvimento nas atividades realizadas na Escola	60
6.4 O contributo da Comunidade Educativa nas atividades realizadas pela Escola.....	60
6.5 O tipo de relação que se estabelece entre a Escola e a comunidade educativa.....	63
6.6 O contributo da Escola para a educação da Comunidade Educativa em que a mesma está inserida.....	64
6.7 A existência de um projeto educativo nas escolas em estudo.....	65
6.8 Fatores que determinam a forma como a Escola é percebida pela comunidade educativa	66
6.9 Habilitações literárias dos atores educativos.....	68
6.10 Experiência de trabalho dos atores educativos.....	68
6.11 Condições de trabalho dos atores educativos.....	69
6.12 A preparação/atualização dos atores educativos	69
6.13 O envolvimento dos atores educativos nas atividades realizadas na Escola	70
6.14 O impacto, a percepção e o envolvimento que a Comunidade Educativa tem nas atividades realizadas	71
6.15 O contributo dos atores educativos nas atividades que as escolas realizam	71
6.16 O tipo de relação que se estabelece entre a Escola e os atores educativos	73
CONCLUSÕES FINAIS.....	74
LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO	77
SUGESTÕES E RECOMENDAÇÕES	78
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	80
ANEXOS	83
ANEXO 1	84
DIRETORES E SUBDIRETORES DE ESCOLA	84
ANEXO 2	86

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS PROFESSORES	86
ANEXO 3	88
QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS ALUNOS	88
ANEXO 4	90
QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS	90
ANEXO 5	93
PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO	93
ANEXO 6	95
TRABALHADORES DE LIMPEZA, CONTÍNUOS, TRABALHADORES DAS CANTINAS E SEGURANÇAS DAS ESCOLAS	95

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 – Amostra da Investigação	44
Tabela 2 – A Percepção que a Comunidade Educativatem da Escola	45
Tabela 3 - A participação da Comunidade Educativanas atividades da Escola	47
Tabela 4 - Tipo de relação existente entre a Escola e a comunidade educativa.....	48
Tabela 5 - Contributo da Escola para a educação da Comunidade Educativa	49
Tabela 6 - Habilitações Literárias dos Diretores	51
Tabela 7 - Habilitações literárias dos subdiretores das escolas	51
Tabela 8 - Habilitações literárias dos professores das escolas	52
Tabela 9 - O tempo de experiência dos atores educativos.....	53
Tabela 10 - Condições de trabalho dos atores educativos.....	54
Tabela 11 - Atividades realizadas na Escola pelos atores educativos.....	55
Tabela 12 - Opiniões dos atores educativos.....	56

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Amostra da Investigação	44
Gráfico 2 - A Percepção que a Comunidade Educativatem da Escola	46
Gráfico 3 - A participação da Comunidade Educativanas atividades da Escola	48
Gráfico 4 - Tipo de relação existente entre a Escola e a comunidade educativa	49
Gráfico 5 - Contributo da Escola para a educação da Comunidade Educativa.....	50
Gráfico 6 - Habilitações Literárias dos Diretores.....	51
Gráfico 7 - Habilitações literárias dos subdiretores das escolas.....	52
Gráfico 8 - Habilitações literárias dos professores das escolas.....	53
Gráfico 9 - O tempo de experiência dos atores educativos	54
Gráfico 10 - Condições de trabalho dos atores educativos	54

AGRADECIMENTOS

Dedico esta obra, aos meus pais, por me terem incentivado e dado alento e me encorajarem, ao mostrarem o caminho certo e a razão da minha existência. À minha esposa e aos meus filhos Cláudio, Marilena, Denize, Tucha e Manucho, para os quais estou em dívida com muitas horas de convívio e mesmo assim foram o meu pilar para que conseguisse concluir o presente trabalho.

Aos meus irmãos a título póstumo. Às minhas irmãs, nomeadamente, à Filipa, Júlia, Inácia e Cristina, o meu reconhecimento profundo pelo apoio que sempre me deram. Aos meus tios, em especial ao Elavoco, pelo incentivo e atenção prestada ao longo de toda a minha vida.

A todos os meus primos, sobrinhos e genros, pelo encorajamento que me deram e que o presente trabalho se constitua em fonte de inspiração, para a concretização dos seus sonhos.

A todos aqueles que fazem da educação um verdadeiro campo de batalha, contribuindo deste modo, para o desenvolvimento da nossa grande nação em todos os setores da vida social.

Temos consciência de que, individualmente, não chegaríamos a lado nenhum. De modo especial, agradeço a Deus, meu pastor, pela oportunidade que me concedeu em poder disfrutar de mais um momento desta vida maravilhosa. Agradeço no fundo do meu coração à Professora Dr^a Marília Favinha, por ter aceite assumir a responsabilidade digna e completa deste trabalho, encorajando-me para a continuidade e finalização de mais uma empreitada. Agradeço de forma particular aos Professores Doutores, Luis Sebastião, Olga Magalhães, António Neto, Bravo Nico, Arminda Neves e José Saragoça, que com muita simplicidade ajudaram aos estudantes do nosso curso, não apenas no esboço dos seus projetos de investigação, mas sobretudo, por terem manifestado a sua disponibilidade em ajudar-nos sempre que fosse necessário.

Agradeço também à Universidade de Évora e a todos os professores que direta ou indiretamente proporcionaram conhecimentos que jamais serão

esquecidos. Aos meus colegas do curso, pelo espírito de ajuda mútua e pelo convívio salutar ao compartilharmos momentos difíceis enquanto estudantes. Aos meus companheiros de profissão, por me terem encorajado a prosseguir numa altura em que tudo parecia estar perdido, em especial, à direção da instituição à qual estou vinculado, pela oportunidade que me concedeu ao permitir trabalhar e ao mesmo tempo estudar.

À direção das escolas onde se realizou a investigação, bem como aos seus respetivos professores e alunos pela compreensão que tiveram ao aceder ao pedido de apoio para a concretização do nosso projeto de investigação.

À família da professora Dr^a Marília Favinha, pela paciência demonstrada sempre que por mim foi importunada, embora sem a minha presença física, suportando-me em momentos impróprios.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, tornaram possível a realização deste trabalho.

AGRADECIMENTO ESPECIAL

À Professora Dr^a Marília Favinha, minha tutora, o meu profundo agradecimento por ter dedicado parte do seu precioso tempo a dirigir com toda a honestidade o saber fazer, o saber ser e a orientar-me de forma exata na realização desta obra.

*“Ninguém educa ninguém,
ninguém se educa a si mesmo, os
homens se educam entre si
mediatizados pelo mundo”.*

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho de investigação, tem como objetivo estudar a forma como a Escola é vista pela comunidade educativa, tendo como referência as escolas n.ºs 970, 9085 e 9131, todas localizadas na Comuna do Zango, Município de Viana, Província de Luanda.

Tendo em conta o objetivo geral da dissertação e as questões de partida desta investigação, optámos por uma metodologia quantitativa, na forma de inquérito por questionário, porque se pretendia fazer um estudo que envolvia uma amostra de relativa dimensão e diversificada.

Dos resultados obtidos constatou-se que os profissionais ligados à educação, assim como os munícipes de uma maneira geral, estão preocupados com o verdadeiro papel da Escola, devido às debilidades existentes no sistema de educação e ensino em Angola. Assim sendo, reza a necessidade de um maior envolvimento dos diferentes atores educativos, com vista não só a melhorar o processo de educação no país, mas também, mudar a forma de perceção da Escola pela comunidade educativa.

Constatou-se, ainda, que a escola tem sido vista apenas como um local apropriado para o ensino-aprendizagem deixando de parte outras componentes de natureza educativa para as quais os atores acima mencionados deveriam concentrar a sua atenção, visando a melhoria do grau de perceção que a Comunidade Educativa deve ter da Escola.

Palavras-chave: Escola, Comunidade Educativa, Conceções e Representações.

A PRESPECTIVE FOR THE SCHOOL COMMUNITY EDUCATION . A CASE STUDY : SCHOOL 970, 9085 AND 9131, ZANGO, VIANA, LUANDA, ANGOLA

This research work aims to study how the school is seen by the educational community, with reference to schools Nos. 970, 9085 and 9131, all located in the Commune of Zango, Viana municipality, Luanda Province.

According to the methodology, questionnaire survey and interview it was concluded that the education professionals, as well as the citizens in general, are concerned with the role of the School assumes the Community School, due to weaknesses in the existing system education and teaching. Thus, there is a need for greater involvement of different educational actors in order not only to improve the process of education and teaching in the country, but also change the way of perception of the school by the educational community.

It was found also that the school has been seen only as an appropriate location for the teaching-learning setting aside other components of an educational nature, for which the actors should collaborate in order to improve the perception that the educational community School should have.

Key-words: School, Community Education, Concepts and Representations

INTRODUÇÃO

A Escola é um espaço de formação de pessoas, constituída por diversos atores que pensam e agem no quotidiano, formando uma diversidade de relações que se define a partir de uma cultura própria e cheia de significados. Ela deve ser uma comunidade viva e de trabalho, com a participação de todos os que nela estão implicados atribuindo assim sentido à expressão comunidade educativa.

Iremos nesta introdução começar por fazer uma contextualização histórica da escola e do contexto Angolano, de forma a clarificar as questões levantadas pela investigação.

Em conformidade com o Sistema Político, Económico e Social instaurado em 1975 em Angola, foi definida a Política Educativa em 1977, por forma a corresponder às necessidades do país e à consolidação da Independência Nacional. Esta Política é marcada essencialmente pelos princípios de igualdade no acesso à escola à continuação dos estudos e da gratuidade no seu sentido mais amplo. Foi instituída também neste período a laicidade no ensino. Este e tantos outros, foram os princípios estruturados em 1977, mas implementados apenas a partir de 1978.

O setor da educação evoluiu num contexto político-histórico, resultante da fusão de vários fatores internos e externos. O país viveu numa situação de conflito permanente o qual não permitiu valorizar e aproveitar convenientemente o seu potencial económico rumo ao desenvolvimento. O fator guerra provocou uma enorme destruição de recursos humanos e materiais, infraestruturais e financeiros, o que fez com que se desviassem avultadas somas em dinheiro, a fim de fazer face à tal situação, sem ignorar a perda de muitas vidas humanas. Setores importantes da vida nacional ressentiram-se deste facto, tal como aconteceu, em especial, com a Saúde e a Educação.

Em consequência disso, registaram-se destruições de infraestruturas físicas, movimentação de populações, migrações e emigrações, mortes, desaparecimento de professores, para além das reduções orçamentais, que condicionaram o normal desenvolvimento do Sistema Educativo Nacional.

Basta dizer por exemplo que, em 2000, a verba atribuída à Educação não foi superior a 1%. Cerca de 2.500 salas de aulas foram destruídas incluindo as de construção provisória. Elevado número de crianças em idade escolar permaneceu fora do Sistema de Ensino como consequência das situações adversas atravessadas pelo setor da Educação ao longo dos últimos anos.

É nesse quadro que em 2002, a Assembleia Nacional da República de Angola, aprovou a Lei de Base do Sistema de Educação. O referido documento contém o delinear do que se pretende com esta ação cuja estrutura integra os seguintes subsistemas:

- Subsistema de Educação Pré-Escolar;
- Subsistema de Ensino Geral;
- Subsistema de Ensino Técnico-Profissional;
- Subsistema de Formação de Professores;
- Subsistema de Educação de Adultos;
- Subsistema de Ensino Superior.

O Subsistema de Ensino Geral, é constituído por um ensino de seis (6) classes (básico obrigatório), um ensino secundário que integra dois (2) ciclos, com uma duração de três (3) anos cada. O II ciclo de ensino secundário, tanto normal como técnico, tem a duração de quatro (4) anos.

O Subsistema de Formação de Professores, estrutura-se nos seguintes níveis com a duração de quatro (4) a seis (6) anos respetivamente:

- Médio Normal;
- Superior Pedagógico.

Compreende ainda ações enquadradas na formação permanente tais como:

- Agregação Pedagógica;
- Aperfeiçoamento.

A partir de 2002, a Política Educativa Angolana preconizou o acesso universal à escola e por tal motivo, o Ministério da Educação tem desenvolvido

esforços para expandir a rede escolar, que de 7.733.549 crianças a frequentar as primeiras seis (6) classes em 2002, este número passou para 3.757.677 crianças em 2008, MED (2008). Apesar disso, o meio rural tem ficado desfavorecido devido à escassez de investimento social e infraestrutural. Por esta razão, viver no campo ainda é penoso e penalizante.

Desde 2002, até à atualidade, os efetivos escolares cresceram 124%. Neste ano existiam 2.558.236 alunos. O ano letivo de 2007/2008, iniciou com 5.736.520 alunos, quase triplicou o número de alunos, o que só foi possível com a estabilidade social. Em 2002 existiam 1.733.545 alunos no ensino básico. Neste ano letivo, já tem 3.757.677 alunos o que equivale a um aumento de 117%. Como se pode ver, o número de crianças duplicou. A paz teve sem dúvida, um grande impacto na vida do sistema educativo.

Também no ensino superior o salto também foi muito significativo. Passou-se de 20.000 alunos, em 2002 para 70.000, em 2008, entre as escolas superiores públicas e privadas. Mas o ensino superior público, representa quase 70% do total dos estudantes. Registou-se uma grande inovação e o setor da educação tem registado êxitos. Ao analisar o anterior sistema, verificou-se que reduzir o ensino básico a quatro classes era insuficiente, havia uma grande disparidade entre os conteúdos dos programas de ensino e o tempo que os alunos tinham para aprender toda a matéria. Havia pouco tempo para aprender muito. Daí a necessidade do surgimento da escola primária com seis anos letivos, contando as crianças com um único professor. As disciplinas foram reorganizadas, para se consolidar a aprendizagem. Pretende-se com isso que as crianças angolanas adquiram conhecimentos a fim de prosseguirem o ensino secundário sem dificuldades. O núcleo central, é a aprendizagem da língua portuguesa e o exercício de cálculo. O objetivo consistia em melhorar a base da pirâmide educativa, pois, havia falta de qualidade nos alunos que seguiam para o ensino secundário acabando por se repercutir no ensino superior, o que tornava o sistema ineficaz.

Quanto aos resultados dessa reforma existem apenas os primeiros indícios dos quatro anos de reforma, mas há um elemento muito positivo. No antigo sistema, havia uma taxa de reprovação na ordem dos 32%. Hoje, essa taxa é de 22%. Em apenas quatro anos obteve-se um ganho de 10%. Na

conclusão do ciclo, os números são também significativos. Antes, apenas concluíam os quatro anos de escolaridade 46% dos alunos. Hoje, concluem 57%. Também registou-se um ganho de 9%.

Acreditamos que caso se continue com essa tendência atingir-se-ão níveis de eficácia e aproveitamento rentáveis que corresponderão às necessidades das populações.

Sobre a existência de um instrumento para testar a eficácia da escolaridade obrigatória de seis anos, importa referir que o sistema tem sido constantemente testado, razão pela qual o Ministério da Educação previa no final do ano letivo, fazer exames de cálculo e de língua portuguesa a uma amostra de 10.000 alunos, com o objetivo de fazer uma aferição concreta dos conhecimentos. Escolheram-se estas duas disciplinas por constituírem a base para o prosseguimento dos estudos e porque no passado era no exercício de cálculo e no português que se registavam as grandes deficiências de aprendizagem.

Para cobrir o ensino básico com professores, existe um programa de formação de professores em todo o país. Nas 18 Capitais Provinciais, existem Institutos Normais de Educação, com núcleos em vários municípios. Existem também as escolas do Magistério Primário. E num projeto de cooperação com a Ação de Desenvolvimento de Povo para Povo (ADPP), uma ONG Norueguesa, foram formados professores para o ensino rural. Estes técnicos, têm sido ao mesmo tempo dinamizadores das comunidades, porque desenvolvem programas nas áreas da saúde, lazer, desporto, cultura e abastecimento de água. Em 2002, existiam 83.601 professores, para 179.000, em 2008, o que significa um aumento de 96.000 professores em apenas seis anos. A construção de escolas, também está com uma dinâmica forte. Foi decidido descentralizar as escolas primárias, sendo da responsabilidade dos governos provinciais cujos investimentos nas construções são por estes assumidos cabendo ao Ministério da Educação a disponibilização de professores necessários a cada uma das escolas. No tocante ao ensino técnico profissional, cuja responsabilidade é atribuída ao governo central, foram construídas 53 escolas secundárias em dois anos. Só em 2007, foram construídas 20 escolas, das quais 13 na área do ensino técnico-profissional.

Cada província tem um Instituto Médio Técnico. As províncias com mais população e mais peso económico são beneficiadas com mais escolas no ensino secundário e técnico profissional. Nesta fase, apostou-se em grandes cidades como Luanda, Benguela, Lubango e Cabinda. Por exemplo, Luanda tem 12 das 53 novas escolas secundárias.

Quanto ao número de quadros médios formados desde o início do programa, o Sistema Educativo, registou 151.762 alunos, dos quais, 51% nas escolas técnico profissionais. Esta aposta, nas escolas técnico profissionais, visa dotar a população de competências para uma mais fácil integração no mercado de trabalho. Do número total de alunos no ensino Médio, já foram formados 71%. O objetivo consiste em impedir que a pirâmide educativa afunile no topo, razão pela qual se decidiu incentivar o ensino secundário. 92.000 alunos deste nível, até outubro, obtiveram novas escolas. O recrutamento de professores para o ensino secundário tem tido como fonte, os Institutos Superiores de Ciências da Educação. E também estão sendo formados professores para as áreas técnicas recorrendo à cooperação internacional sobretudo com Cuba e Brasil. O ensino superior, de forma geral, tem fornecido muitos professores para o nível secundário. As diferentes escolas de ciências e tecnologias, também têm contratado professores. A partir de 2009 teve início o programa da língua portuguesa, contando com a cooperação portuguesa, que forneceu para o efeito, 200 professores especializados para a melhoria do ensino do português nas escolas nacionais.

Até à conclusão do presente trabalho o ensino superior também tinha registado uma grande expansão. Existem hoje em Angola 16 Instituições de ensino superior. Para além da universidade pública, Universidade Agostinho Neto e de 13 universidades privadas, existe ainda o Instituto Superior de Relações internacionais e mais duas faculdades de Medicina, uma que integrará o núcleo Provincial de Benguela da UAN e outra no núcleo de Cabinda. O ensino superior conta com um ministério para o setor, tendo o país ficado dividido em seis zonas académicas, cada uma com uma Universidade. As zonas de ensino superior, englobam duas ou três províncias sendo um setor em franca expansão. Quanto à existência de professores para acompanhar o ritmo de crescimento, importa referenciar que tem sido difícil encontrar no

mercado local professores para o ensino superior, mas para tal o país tem estado a dar formação no exterior aos que já existem. E mesmo na UAN existem cursos de Mestrado. Também nesta área tem se feito recurso à assistência externa com Cuba, França e Portugal, sobretudo a Universidade de Coimbra, o Instituto Superior Técnico de Lisboa e Universidade de Évora. A expansão em ritmo acelerado do sistema educativo, teve impacto considerável na melhoria das condições de vida dos angolanos de um modo geral.

No país não existe a tradição de se envolver os atores educativos das escolas nas atividades com elas relacionadas e nem sequer, a escola se tem preocupado com a perceção que a comunidade educativa tem da mesma.

Atualmente, as pessoas ligadas à educação, encarregados de educação e comunidade em geral, questionam-se sobre o verdadeiro papel da escola, pois, face às inúmeras lacunas que afetam o sistema de educação e ensino, apelam para a necessidade de haver maior envolvimento dos atores educativos nas atividades com ela relacionadas, a fim de contribuir não só para a melhoria do processo de educação e ensino, como também, do grau de perceção da escola pela comunidade educativa.

1. Objeto e Justificação da Investigação

Ao longo da história da humanidade, as sociedades, em dependência das circunstâncias vividas em cada etapa do seu desenvolvimento, criaram sempre condições capazes de satisfazer na sua plenitude as aspirações mais profundas dos seus cidadãos.

Foi neste contexto, que à medida que as mesmas se foram desenvolvendo surgiram instituições sociais cuja missão fundamental foi a de transmitir de uma forma ordeira e sistemática, conhecimentos, não só, os acumulados pelos próprios homens no exercício da sua atividade mas, fundamentalmente os de índole científico-técnico com o objetivo de proporcionar de forma planificada e progressiva a formação académica e cultural dos seus membros.

Assim sendo, foi sempre tarefa dos órgãos dirigentes de cada uma das nações, definir o perfil do homem a ser formado. A Escola é seguramente a

instituição mais importante de entre todas as que até hoje a sociedade foi capaz de criar.

De acordo com Pimenta (1999), “ a Escola é uma instituição que tem sofrido evolução ao longo da história. Na atualidade ela ocupa um setor do universo educativo.”

Cada escola tem o seu objeto social para o qual está vocacionada. Assim, organizadas por níveis de ensino, determinadas escolas estão vocacionadas para a formação de professores, eletricitas, jornalistas, enfermeiros, etc. A Escola hoje é percebida pela Comunidade Educativa como uma instituição vocacionada apenas para o ensino. Será a Escola uma instituição vocacionada apenas para o ensino?

Segundo Ferreira (2003), a Escola não existe apenas para o processo de ensino e aprendizagem, mas para a noção de um todo mais amplo, multifacetadamente relacionado não apenas a uma comunidade interna, constituída por diretores, professores, alunos e funcionários, mas que se articulam com as famílias e a comunidade externa. Assim, para um melhor funcionamento da Escola, será necessário que todos os que nela trabalham não só conheçam a importância da mesma, mas que, este tal reconhecimento tenha para todos a mesma significação, ou o mesmo valor e se constitua em verdadeira comunidade educativa.

Do estudo efetuado, constatou-se que as instituições escolares não envolvem a Comunidade Educativa nas suas atividades logo, não se verifica o impacto da Escola no local onde ela está inserida, conseqüentemente a Comunidade Educativa não tem uma percepção correta da Escola. Por outro lado, a falta de formação e atualização dos atores educativos, isto é, pessoal administrativo, contínuos, trabalhadores de limpeza, alunos, não tem permitido que percebam também a Escola como um espaço de interações sociais.

Outro aspeto constatado consistiu no facto de que, dos diferentes atores que participam das tarefas educativas da escola garantindo o seu funcionamento integral, nem sempre são envolvidos nas atividades, o que tem feito com que não se dê a importância necessária e o devido reconhecimento.

Perante este panorama, elaborámos as seguintes questões de partida da investigação:

- Qual será a percepção que a Comunidade Educativa tem da Escola?
- Será que o nível de envolvimento da Comunidade Educativa depende da forma como esta percebe a Escola?
- Quais os fatores responsáveis pela forma como a Comunidade Educativa percebe a Escola?
- O que se poderá fazer para a melhoria da percepção da Comunidade Educativa e conseqüentemente melhorar o envolvimento da mesma nas atividades da Escola?

2. PROBLEMÁTICA DA INVESTIGAÇÃO

A escolha deste tema deveu-se à necessidade de se estudar como a escola é vista pela comunidade educativa no contexto específico da investigação. Pretendeu-se com este estudo, verificar se a Comunidade Educativa tem sido envolvida nas atividades da Escola e qual é a influência que a Escola exerce sobre a comunidade educativa.

Por outro lado, a escolha deste tema, deveu-se, também ao facto do autor desta dissertação ser educador e estar preocupado com a forma como a escola é percebida pela comunidade educativa, pois na observação diária verifica-se a Escola desligada do seu meio, da família, dos alunos e da comunidade. Um outro motivo da razão da escolha deste tema, deveu-se ao facto de estarmos conscientes da importância da Escola para o desenvolvimento integral do indivíduo e, conseqüentemente da sua integração de forma harmoniosa na sociedade.

Partindo do princípio de que a Escola constitui o quadro de referência que configura o padrão cultural da sociedade, pretendeu-se verificar, até que ponto os valores, competências ou saberes, resultantes da sua atuação quotidiana, traduzem as aspirações da referida comunidade e se os principais agentes educativos estão realmente impregnados nas tarefas da Escola com vista a poder contribuir para o alcance dos objetivos comuns. Foi nessa perspectiva que se escolheu o tema que nos parece atual e pertinente. Não se pretendeu de modo algum, esgotá-lo, mas única e simplesmente fazer algumas reflexões sobre a forma como a Escola é percebida pela Comunidade

Educativae qual deveria ser a forma de envolver os atores educativos nas suas atividades diárias, para que se dê a importância que ela merece.

Pretendeu-se também com este estudo, contribuir para melhorar a forma de percepção da escola pela Comunidade Educativa e como ela deve envolver todos os atores educativos nas suas atividades com vista a que os alunos possam interagir de forma harmoniosa com os demais membros e sentirem-se úteis à sociedade.

3. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Tendo em conta os objetivos deste trabalho, desenvolveram-se as seguintes questões de investigação:

- A Escola é percebida pela Comunidade Educativa só como um local apropriado para o ensino-aprendizagem?
- A forma como a Escola é percebida pela Comunidade Educativa determina o grau de envolvimento da mesma?
- Quais os fatores que determinam a atual forma de percepção da Escola pela comunidade educativa: As habilitações literárias e profissionais dos atores educativos? O tempo de serviço dos profissionais da educação? As condições de trabalho dos atores educativos? A preparação/atualização dos atores educativos? O envolvimento dos atores educativos nas atividades que a Escola realiza?

4. OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

4.1 OBJETIVO GERAL

- Investigar a forma como a Escola é vista pela comunidade educativa.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Determinar os fatores que estão na base da atual forma de percepção da Escola pela Comunidade Educativa.
- Verificar o impacto da percepção que a Comunidade Educativa tem no seu envolvimento com a Escola.
- Contribuir com sugestões para a melhoria do grau de percepção que a Comunidade Educativa tem da Escola.

5. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

A presente investigação incide sobre uma abordagem de qual é a visão que a Comunidade Educativa tem da Escola. O estudo delimitou-se ao Município de Viana, em especial, às escolas do 1.º e 2.º ciclos recentemente construídas na localidade do Zango I e II, tais como as escolas 970, 9085 e 9131. Para a amostra da investigação recorreu-se aos Diretores e Subdiretores Pedagógicos, professores, funcionários administrativos, alunos, contínuos, trabalhadores das cantinas escolares, seguranças das escolas e aos pais e encarregados de educação dos alunos, destas escolas.

6. ORGANIZAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO

Assim sendo, a Escola para os elementos que nela estão vinculados, não é apenas um espaço onde se trabalham conhecimentos com os alunos, mas também, é um campo de trabalho em que a percepção de um todo

integrado pelas pessoas é de capital importância. Neste contexto, este trabalho estruturou-se da seguinte maneira:

Introdução onde se abordou o problema do estudo, a importância, os objetivos do trabalho, formulação das questões de partida e a delimitação do estudo.

De seguida o trabalho foi dividido em duas grandes partes: uma primeira parte onde se procedeu ao Enquadramento Teórico e uma segunda parte onde se explanou a Metodologia da Investigação.

Na Parte I desenvolveu-se o referencial teórico, definição de termos e conceitos relacionados com o tema em estudo, bem como, se tratou de uma forma genérica de algumas questões fundamentais que serviram de base para a realização da pesquisa.

Na Parte II tratou-se de questões relacionadas com a metodologia científica tais como: a população e amostra, as técnicas e instrumentos de investigação, o modelo de pesquisa, os procedimentos utilizados e as dificuldades encontradas durante a realização do trabalho de investigação. Apresentou-se a análise e interpretação dos dados recolhidos pelo instrumento de investigação utilizado, e apresentaram-se as tabelas e respetivos gráficos refletindo o tratamento dos resultados.

Em função das conclusões, apresentaram-se propostas e sugestões visando contribuir para a mudança de atitude em relação à forma de perceção da Escola pela Comunidade Educativa, e conseqüentemente, o aumento do grau de envolvimento desta mesma comunidade, nas atividades da Escola.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPITULO I - A ESCOLA

A Escola é hojeum estabelecimento com um regime de corporação científica, técnica, artística e cultural. É uma instituição que realiza a educação através de uma atividade especificamente formalizada, esta atividade é realizada em locais próprios com salas de aulas, laboratórios, oficinas, ginásios, etc; e utiliza como agentes profissionais especializados os professores e outros auxiliares da educação. Ela realiza a educação durante um período etário determinado: como a educação inicial para crianças, adolescentes e jovens ou como educação para toda a vida.

A **Escola**, segundo Lakatos (2002), é um estabelecimento de ensino ordenado pelas autoridades reconhecidas da nação cujo acesso é para todo o povo, onde o estado é o gestor em sua plenitude.

Delors (1996) afirma que, a Escola é uma instituição educativa fundamental onde são organizadas sistematicamente atividades práticas de caráter pedagógico. De acordo com Carvalho (1976), a Escola é uma instituição social, criada especificamente para educar e ensinar, refletindo seus valores e seu nível cultural.

Na opinião de Pinto (2001), a Escola é um lugar que a sociedade organiza, de forma explícita para levar a cabo a socialização das novas gerações e a sua integração harmoniosa na sociedade.

Analisada a definição da autora acima transcrita, pode-se concluir que, ela enaltece o aspeto socialização das novas gerações pois, a interação dos atores educativos vai facilitar a sua integração na sociedade.

Como se pode verificar, independentemente das opiniões destes autores, não existem grandes divergências pois, quase todos eles, são unânimes em considerar a Escola como sendo uma instituição de ensino-aprendizagem.

Do estudo realizado, as definições dadas pelos autores Pinto (2001), Carvalho (1976) e Delors (1996), são as que melhor se enquadram no trabalho realizado, por serem as mais consentâneas com a realidade pois, as suas preocupações estão voltadas para a formação integral do indivíduo, a sua

socialização no grupo e conseqüentemente a sua integração harmoniosa na sociedade.

Conceptualiza-se a Escola, como sendo a instituição educativa que prepara as crianças e jovens para a vida futura, garantindo assim a sua completa inserção nas atividades socialmente úteis, de acordo com a realidade concreta do meio, ou comunidade em que estão inseridas.

Segundo Marques (2000), a Comunidade Educativa é uma expressão que designa o conjunto das clientelas diretamente envolvidas no processo de ensino e aprendizagem; professores, técnicos de educação, auxiliares de ação educativa e alunos. Trata-se de um conjunto de grupos que não se comunicam totalmente mas, trabalham de uma forma harmónica.

Designa-se, então, por comunidade educativa, uma franja da sociedade constituída por diretores de escola, subdiretores, professores, alunos, contínuos, funcionários administrativos das escolas, trabalhadores de limpeza, trabalhadores das cantinas escolares, seguranças das escolas, pais e encarregados de educação que em conjunto, garantem o funcionamento pleno da escola com vista a satisfazer as aspirações da sociedade em geral.

As principais correntes sobre a Escola, são caracterizadas segundo três grandes abordagens que a seguir passamos a analisar.

1.1 A ESCOLA SOB A PERSPETIVA HISTÓRICA

As abordagens históricas analisam geralmente a Escola sob o ponto de vista da história política de uma nação: do estudo das leis escolares, da criação da instituição e das políticas ministeriais em favor do ensino.

A perspetiva da história política permite que os historiadores vejam a Escola como uma das referências a partir das quais podem ser analisadas as posições ideológicas de diferentes governos ou diferentes partidos políticos dentro da história nacional.

Qual é a posição que se tem sobre a obrigatoriedade escolar? A referida posição favorece as escolas públicas ou privadas? Qual é a relação que o sistema tem com a igreja Católica ou as demais igrejas?

As pesquisas históricas procuram também analisar quais das ações dos governantes dizem respeito mais rapidamente ao desenvolvimento das escolas do povo ou das elites, do ensino geral ou profissional, da cidade ou do interior, dos alunos ou das alunas, como eles investem ou não para melhorar as condições dos professores (salário, formação, criação de escolas normais, etc.).

A Escola é uma referência que permite ver como os partidos, através dos seus líderes (deputados, governantes), se posicionam a respeito das políticas de saúde, da justiça, da divisão do território ou exploração dos recursos naturais.

1.2 A PERSPETIVA PEDAGÓGICA DA ESCOLA

Trata-se da reflexão centrada na análise dos conteúdos e formas de atuação dos professores na sala de aulas.

As abordagens centradas nos conteúdos e formas de transmissão do conhecimento, estão mais próximas das práticas dos professores. As mesmas, interessam-se não só pela pedagogia e pelos saberes, mas também pela autoridade e disciplina na sala de aula. Aqueles que se dedicam ao estudo da pedagogia, estão principalmente preocupados com as inovações pedagógicas e com o progresso da educação. Os princípios educativos variam segundo as épocas e as classes sociais a educar.

Porém, os trabalhos científicos sobre a infância, a psicologia e a pedagogia durante muito tempo procuraram mostrar que todas as crianças têm as mesmas maneiras de aprender e que os princípios que valem para uns, valem também para os outros.

Em contrapartida, as pesquisas sobre os conteúdos dos saberes transmitidos interessam-se pelo currículo, pela introdução de novos saberes, nos programas de ensino e quase raramente pelo desaparecimento de certas matérias.

As pesquisas didáticas referem-se quase sempre aos saberes ensinados no presente. Elas procuram legitimar ou, ao contrário, criticar os progressos ou os conteúdos de ensino inadequados aos estudantes, ou

cientificamente criticáveis (por ex: o ensino de gramática, os métodos de aprendizagem de leituras, etc.).

É por esse motivo que os didatas são os principais investidores nos projetos de reforma em educação. A ideia geral é que são as ciências que fundamentam os ensinamentos escolares. A Escola é uma instituição de difusão desses saberes. A existência de parâmetros curriculares internacionais, por exemplo, tem um papel importante nas definições de novas normas de ensino (Paisancel e Vergnaud, citado em Ferreira (2002)).

De acordo com Chevallard, citado pelo mesmo autor, as pesquisas sobre a pedagogia e as pesquisas em didática podem ser separadas ou não. A referência às teorias de aprendizagem (behaviorismo, construtivismo) justifica a adesão aos métodos de ensino que parecem gerais, independentemente dos conteúdos ensinados.

1.3 A ESCOLA SOB A PERSPETIVA SOCIOLÓGICA

Uma terceira abordagem estuda a Escola como uma instituição que preenche uma função social independente dos eventos políticos, mesmo se esta função modifica o curso da longa história (sociedade colonial, escravagista, grandes propriedades agrícolas, empresas capitalistas industriais, etc.).

Segundo os autores Durkheim e Max, citados em Ferreira (2002), a Escola procura ver sua função contemporânea em contraste com outras funções anteriores. Por exemplo, para Max Weber, os diplomas permitem recrutar os funcionários de uma sociedade democrática administrada de maneira burocrática. Durkheim analisa como a Escola se encarrega de transmitir às novas gerações valores e saberes comuns que unificam a sociedade e mantêm a sua coesão. Deste modo, a formação para os diferentes ofícios produz, ao contrário, uma divisão de trabalho e uma especialização dos trabalhadores. As abordagens inspiradas no marxismo, insistem sobre o papel da Escola numa sociedade de classes no sentido de responder ao desenvolvimento económico que demanda trabalhadores mais ou menos qualificados. Outras abordagens veem o papel da Escola como reprodutora das

diferenças sociais seja por meio da reprodução dos valores da elite, seja na reprodução das divisões em classes entre trabalhadores manuais e intelectuais.

Os estudos sociológicos recentes, interessam-se sobretudo, pela questão das desigualdades e pela forma como a Escola pode minimizar esses problemas. As realidades escolares fornecem dados (estatísticos e sociais) que mostram como certos fenómenos se encontram dentro de diferentes países e perpetuam-se de diferentes formas, apesar das mudanças das políticas escolares e reformas de ensino. Segundo as épocas e as conjunturas, certas correntes possuem mais importância que outras na medida em que elas correspondem às maneiras pelas quais se ocupam da Escola nos diferentes níveis (político, pedagógico) e ressentem os problemas mais urgentes.

Por exemplo, as pesquisas sobre as desigualdades sociais e o fracasso escolar multiplicam-se quando as mudanças sociais ou económicas produzem um alongamento da escolaridade para todos e tomam consciência das dificuldades de a Escola responder à demanda das famílias. As prioridades mudam na década de 1970 com a explosão da demografia escolar.

Todos os modelos elaborados então perseguem a noção de planificação de objetivos, inspirados nos modelos americanos da tecnicidade educacional, que atravessam todos os planos educacionais, de uma forma mais rígida em determinados lugares que noutros. A partir de 1980 a atenção volta-se para o problema da Escola como reprodutora das desigualdades sociais, o que explica o sucesso das abordagens sociológicas sobre a Escola.

Em paralelo, o desenvolvimento dos trabalhos sobre o interior da unidade escolar volta-se para a atividade do professor dentro da sua classe. A relação professor-aluno converte-se na atenção central para os estudos académicos e para a construção de políticas públicas educacionais. Considerando que a Escola por si só, não é capaz de concretizar os anseios da sociedade, senão dentro de uma relação que deve existir, consubstanciada na interação entre a Escola e os diferentes setores da sociedade, é oportuno definir os tipos de envolvimento que se articulam entre a Escola e os atores educativos.

1.4 A RELAÇÃO ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE EDUCATIVA

A Escola e a comunidade educativa, não devem ser vistos isoladamente mas, interagindo, inter-relacionando-se e atuando em conjunto para a formação real e integral do aluno.

Segundo Durkheim, citado em Piletti (1991), a “educação é a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações que não se encontram ainda preparadas para a vida social e tem por objeto suscitar o desenvolvimento no indivíduo, seu número de estados físicos, intelectuais e morais reclamados pela sociedade política no seu conjunto e pelo meio espacial a que o indivíduo particularmente se encontra inserido” (p.62).

A Escola será mais eficiente quanto mais estiver aberta às relações intersubjetivas tendo em conta que o fundamental da relação entre a Escola e a Comunidade Educativa é o aluno. Para melhor compreensão do objeto da relação é necessário que se estabeleça sem receio umnexo entre a Escola e a comunidade educativa. Este elo de ligação faz com que se aprenda de facto a realidade do educando, a partir deste conhecimento conjunto do educando ou da realidade do educando se podem traçar caminhos capazes de promover a integração social efetiva.

Durante o processo a Comunidade Educativa pode ajudar muito os alunos, uma vez que uma grande parte do seu dia interagem com ela. Ainda nesta senda é possível criar mecanismos conjuntos para a educação harmoniosa, progressiva e permanente do aluno. Esta relação pode contribuir para a superação da segregação entre as pessoas para a compreensão da mesma qualquer que seja, como princípio e fim das atividades humanas, para a solidariedade na luta por melhores condições educacionais.

Cumpra à Escola organizar as suas atividades de forma a cada vez mais atender as expectativas de toda a Comunidade Educativa, e comunidade em geral. Para isso, precisa adequar-se à realidade dos alunos e utilizar os melhores recursos para atingir tais expectativas. É necessário que se estabeleça uma relação de cooperação com todos os atores educativos que alimentam a expectativa de ver os seus filhos bem educados e formados com vista a melhorar a sua vida e a sociedade. Do exposto, temos a inferir que a

relação entre a Escola e a comunidade educativa, na nossa realidade, não tem sido fácil estabelecer-se porque a Escola não envolve os atores educativos nas atividades da Escola, nem os atores educativos participam nas diversas atividades realizadas pela Escola, talvez porque não existe essa tradição na relação escola-comunidade educativa. O envolvimento consiste em: os atores educativos participarem de forma ativa nas atividades da Escola e conseqüentemente a Escola levar a sua ação social para fora da mesma, porque muitas vezes a Escola é vista e sentida como um bem comunitário que está ao serviço da população local.

CAPITULO II – ESCOLA, FAMILIA E AS COMUNIDADES

2.1 A FAMÍLIA E A ESCOLA CORRESPONSÁVEIS PELA EDUCAÇÃO

Quanto ao tipo de relação que se estabelece entre a Escola, os atores educativos e comunidade em geral, trata-se de um envolvimento em que os professores esperam que os pais adotem uma linha de orientação, que apoie explicitamente a Escola, ensinando aos seus educandos os comportamentos socialmente aceites.

Este tipo de envolvimento diz respeito a todo o conjunto de ações desenvolvidas por iniciativa da Escola, que contribuem para a formação das famílias nos domínios que constituem as suas obrigações básicas: a saúde, a segurança, a supervisão, a disciplina, a orientação da criança ao longo dos diferentes estádios do seu desenvolvimento e a criação de condições em casa que favoreçam a aprendizagem e padrões de comportamento adequados a cada um dos estágios.

A responsabilidade de educar os filhos, não cabe apenas aos pais ou então à Escola, mas sim, a ambos. Deste modo, tanto os pais como os professores devem educar os mais novos, pois têm uma posição privilegiada em relação à educação pois, estão em contacto permanente com o aluno. Entretanto, embora exista consenso na questão relacionada com a dupla responsabilidade isto é, professor e encarregado de educação, uma parte considerável dos analistas ou observadores, considera que a educação principal, é fundamentalmente da responsabilidade das famílias. A educação, começa em casa, no seio familiar, o que não significa deixar para os professores, apenas a tarefa de transmitir conhecimentos. Os professores, devem educar no sentido mais amplo da palavra, devendo servir de apoio e reforço do papel desempenhado pelas famílias. Não obstante tais alegações, existem todavia uma parte considerável de pais e encarregados de educação, que reconhecem o facto de confiar demasiado aos professores, a tarefa de educar os seus filhos, devido principalmente às muitas horas de trabalho fora de casa, facto que lhes impossibilita proceder ao acompanhamento académico dos seus educandos.

Em Angola, existem vozes que se levantam reclamando o facto de que quanto à esta tarefa, o governo, as administrações e os meios de comunicação social, deveriam fazer parte da educação dos menores, já que, a tarefa de educar constitui dever de toda a sociedade, uma vez que eles serão o futuro da nação, ou seja, os dirigentes de amanhã.

Assim, consideram que havendo um esforço conjugado, na educação das novas gerações, resultará na melhoria da qualidade de ensino. Contudo, determinados segmentos de pais e encarregados de educação, reclamam o facto de se sentirem isolados no tocante à ingente tarefa de educar os filhos, pois, consideram que ao contrário do que seria de esperar, os governos, a sociedade assim como os meios de comunicação social, nada mais fazem, senão educar mal as crianças dificultando em demasia o trabalho dos pais com a transmissão de conteúdos ou programas na maioria dos casos contrários aos valores transmitidos pelas famílias.

Na conjuntura atual, sobretudo na cidade capital-Luanda, o fenómeno educativo, torna-se ainda mais alarmante e complicado porquanto, o acompanhamento dos filhos por parte dos pais, é pouco atuante. Os pais ou encarregados de educação saem de madrugada para os seus locais de trabalho e regressam muitas vezes para além da hora normal encontrando sempre os filhos a dormir sem pelo menos terem a possibilidade de saberem onde terão estado durante o dia, com quem estiveram e o que terão feito ou visto e se o que fizeram é ou não ajustado às suas respetivas idades. Este fenómeno, tem se refletido negativamente na educação das crianças por ficarem constantemente a mercê de influências estranhas e muitas das vezes, fora do âmbito familiar.

De uma forma generalizada, os pais e encarregados de educação, consideram que a principal contribuição à educação dos seus filhos, é a transmissão de valores tais como o respeito, a educação, a tolerância, o compromisso, considerados de necessários e tão positivos, mas que estão cada vez mais esquecidos pela sociedade atual. Daí a razão de se considerar a família como sendo o núcleo essencial, na formação da personalidade do educando. Os reais valores humanos e sociais, aprendem-se quotidianamente

no seio das famílias, facto que só será possível através do exemplo pessoal dos pais ou encarregados de educação.

Necessário seria inverter o modo como todos sentem o espaço Escola. Na nossa opinião, isto passa pelo modo como se concebe o próprio Sistema de Ensino, currículos, modos de organização e gestão das escolas assim como pela própria prática docente, não só no modo como se veiculam os conhecimentos, mas também na relação interpessoal que se cria com os alunos.

Como a história nos vai mostrando ao longo dos tempos, nas mais variadas situações, sendo as revoluções exemplos claros do que pretendemos afirmar, passamos muitas vezes de uma determinada situação com determinadas características, para situações absolutamente opostas. Antes, (qualquer que seja neste momento o antes) a Escola era a Escola e mais alguma coisa, contestar a Escola os seus procedimentos e a figura magistral do professor, era impensável. O que constatamos hoje, é exatamente o contrário, a Escola é um lugar a evitar. Ir ou não à Escola, é exatamente a mesma coisa. A Escola é vazia de poder, ou melhor, de credibilidade.

O mesmo se aplica aos professores. O lugar de cada um, os valores que cada Escola deve e tem obrigatoriamente que ter, que são a sua base e a sua estrutura, as posições hierárquicas e o respeito mútuo dentro duma relação entre pessoas, é tarefa de alto grau de complexidade, mas é o que deverá acontecer nas escolas.

Este tipo de envolvimento diz respeito a todo o conjunto de práticas que se relacionam com as obrigações básicas da Escola para com as famílias e que se referem às modalidades de comunicação entre a Escola e as famílias, cartas, reuniões individuais ou coletivas, conferências, boletins informativos, telefonemas, relatórios, visitas domiciliárias, etc; análise dos currículos bem como o progresso escolar dos alunos.

2.2 ENVOLVIMENTO NA ESCOLA

Este tipo de envolvimento diz respeito a todo o conjunto de práticas que, de algum modo, se traduzem na prestação de qualquer tipo de trabalho voluntário das famílias na Escola, como o auxílio aos professores na sala de aula ou em qualquer outra área da Escola bem como na participação em atividades desenvolvidas na Escola (festas, exposições, atividades desportivas, etc.).

2.3 ENVOLVIMENTO EM ATIVIDADES DE APRENDIZAGEM EM CASA

Este tipo de envolvimento diz respeito a todo o conjunto de práticas em que os professores solicitam e orientam as famílias para acompanhar e assistir o seu educando em casa. Os professores ajudam as famílias a interagir com o seu educando, quer nas atividades que se relacionam com a aprendizagem, quer nas atividades de enriquecimento a efetuar em casa: fornecimento de informação sobre os conteúdos e outros aspetos exigidos aos educandos como orientar, discutir e ajudar nos trabalhos de casa, como utilizar o reforço, etc.

2.4 ENVOLVIMENTO NA TOMADA DE DECISÃO, ADMINISTRAÇÃO E CONSULTORIA

Este tipo de envolvimento diz respeito a todo o conjunto de práticas que identificamos com a participação efetiva na vida da Escola e que estão relacionadas com a participação das famílias, ou dos seus representantes institucionais, não só nos processos de tomada de decisão nos órgãos competentes (conselhos pedagógicos, conselhos de disciplina, comissão de pais, etc) como também no auxílio à administração da Escola e na prestação de serviços de consultoria desempenhados por estes órgãos ou outras associações.

2.5 COLABORAÇÃO E INTERCÂMBIO COM AS ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS

Este tipo de envolvimento diz respeito a todo o conjunto de práticas através das quais a Escola colabora com parceiros comunitários que, de algum modo, partilham responsabilidades na formação dos jovens: programas que proporcionam ou coordenam a integração das famílias e dos jovens na comunidade e o acesso aos serviços de apoio como os serviços de saúde, acontecimentos culturais e outros programas. Analisados os aspetos que acabamos de desenvolver, podemos constatar que, a realidade evidenciada pelo quotidiano dos estabelecimentos escolares no nosso país, é de uma escola fechada sobre si mesma com reduzidos contactos e interações com as famílias e outros parceiros da comunidade.

PARTE II - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

CAPITULO III - METODOLOGIA

Realizado o quadro teórico que suporta o nosso estudo, surge a necessidade de identificar o percurso metodológico que servirá de substrato na orientação desta investigação.

A principal razão pela qual a Ciência se desenvolveu, principalmente a partir do século XVII, foi, em parte, o sentido de necessidade em estabelecer um método que conduzisse a um conhecimento e a uma compreensão do real mais segura e fidedigna. Desta forma, tornou-se necessário criar uma abordagem do mundo e do homem que permitisse recolher informações válidas e credíveis, pese embora toda a sua complexidade, incluindo a complexidade do fenómeno do próprio Homem e dos seus comportamentos.

Quivy e Campenhoudt (1992) consideram que a metodologia nas ciências “constitui a charneira entre a problemática fixada pelo investigador, por um lado, e o seu trabalho de elucidação sobre um campo de análise forçosamente restrito e preciso, por outro” (p. 109). Este exercício supõe que se faça uma ruptura com o senso comum e que, de uma forma mais elaborada e abstracta, se reflecta para delinear os pressupostos, os instrumentos e os procedimentos a utilizar no processo de investigação nas ciências sociais.

Considerando que “os métodos e as técnicas ligam-se indissociavelmente à intencionalidade, enquadram com relação à teoria, o plano de trabalho da investigação, inspirando o percurso global de pesquisa, bem como os procedimentos e técnicas de recolha de informação sobre o objecto de estudo” (Pardal e Correia, 1995, p.7), as opções metodológicas deste projecto foram delimitadas pelo cuidado em responder de forma clara aos objectivos da investigação, tendo em conta os condicionalismos próprios do contexto em que ela ocorre.

Escolhemos um trabalho de pesquisa descritiva. Ainda que aparentemente a descrição possa parecer empírica, ela procura evitar a tendência do superficialismo, revestindo-se de um carácter disciplinado, que, segundo Guerra (2006), não considera apenas o seu valor facial, mas também interroga desde logo a diversidade de lógicas e interesses dos actores sociais, a configuração interna das relações sociais e das relações de poder em que o

objecto está imerso, as tensões e os processos de reprodução e produção societal 'sic' (p. 37).

3.1 NATUREZA DO ESTUDO

Recorremos ao estudo de caso porque é uma técnica que permite efectuar descrições sistemáticas de uma determinada situação. Para Pardal e Correia (1995), os estudos de caso “correspondem a um modelo de análise intensiva de uma situação particular” (p. 23). Este modelo é considerado pelos mesmos autores como vulnerável à utilização de técnicas o que “permite a recolha de informação diversificada a respeito da situação em análise, viabilizando o seu conhecimento e caracterização” (Pardal e Correia, 1995, p.23).

Desta forma, a escolha deste procedimento apresenta a vantagem de assegurar o conhecimento de uma determinada realidade, possibilitando a compreensão dos diversos aspectos que ocorrem em torno dos diversos atores, bem como das interações destes entre si.

A corroborar a pertinência da nossa escolha, dada a índole do nosso estudo, Pardal e Correia (1995) afirmam que “num estudo de caso (...) o pesquisador pode recorrer a uma grande diversidade de técnicas, facto que tanto pode ser determinado pelo quadro teórico de que se possa ter socorrido (...) como da especificidade da situação, ou de ambas as condições” (p. 23).

Não temos a pretensão de generalizar resultados ou validar teorias, tão-somente estudar o comportamento específico de um grupo.

Concluindo, nesta parte propomos explicar a metodologia e os instrumentos da investigação que presidiram à construção deste trabalho.

Em consequência da natureza do problema, faremos uma indicação metodológica que pensamos ser a mais adequada, delimitando a população e a amostra à qual se aplicou.

Como não poderia deixar de ser num trabalho desta natureza, após a clarificação da motivação que lhe serviu de projecto, justificaremos as opções pelas técnicas e instrumentos de pesquisa que privilegiámos.

Realizaremos a caracterização sociogeográfica do contexto em que a investigação decorreu, para depois explicitar o percurso que seguimos na análise dos dados que recolhemos.

Este estudo insere-se no âmbito do Curso de mestrado em Ciências da Educação, Especialidade em Administração e Gestão Educacional e serve para a obtenção do grau de mestre na respectiva área de especialização.

3.2 POPULAÇÃO E AMOSTRA DE ESTUDO

Para desenvolver uma investigação não basta saber quais os dados que deverão ser recolhidos, é necessário “circunscrever o campo das análises empíricas no espaço, geográfico e social, e no tempo” (Quivy e Campenhoudt, 1992, p. 159). Para evitar equívocos é necessário, como referiu Quivy e Campenhoudt (1992), “precisar explicitamente os limites do campo de análise, ainda que pareçam evidentes (...). De qualquer maneira, o campo de análise deve ser muito claramente circunscrito” (pp. 159-160).

Contudo, as informações que são consideradas úteis só se conseguem obter junto de elementos que constituem conjuntos. Tal como afirmou Quivy e Campenhoudt (1992), “à totalidade destes elementos, ou das ‘unidades’ constitutivas do conjunto considerado chama-se ‘população’, podendo este termo designar tanto um conjunto de pessoas, como de organizações ou de objectos de qualquer natureza” (p. 161).

Tal como afirma Pardal e Correia (1995) como “na análise de um fenómeno social, geralmente não é possível inquirir a totalidade dos membros do conjunto – o universo – que se pretende analisar” (p. 32), porque “a amostra não se constitui por acaso, mas em função de características específicas que o investigador quer pesquisar” (Guerra, 2006, p. 43).

O que se entende por amostra? Segundo a perspectiva de Quivy e Campenhoudt (1992), “após ter circunscrito o seu campo de análise o investigador limita-a a uma amostra representativa desta população” (p. 162). Ora a amostra corresponderá a uma parte seleccionada da população que a representa. Para que a amostra seja significativa e possibilite chegar a

conclusões válidas, deverá existir uma correspondência entre a estrutura da amostra e a estrutura da população.

O tipo de amostra que mais se adequa a ele é a não probabilística. Este tipo de amostra, segundo Pardal e Correia (1995, p. 42), caracteriza-se por não depender exclusivamente de dados estatísticos, antes e fundamentalmente do juízo do investigador. Dentro dos diversos tipos de amostra não probabilística utilizámos a intencional porque, na perspectiva de Pardal e Correia (1995, p. 42) esta é utilizada em conjuntos populacionais considerados típicos, com a finalidade de conseguir uma determinada informação.

A população alvo da investigação foi constituída pelos seguintes elementos: Diretores e subdiretores de Escola, professores, alunos, contínuos, funcionários administrativos das referidas escolas, trabalhadores de limpeza, trabalhadores das cantinas escolares, seguranças das escolas abrangidas, pais e encarregados de educação das escolas já referenciadas.

Do universo de 1.104 elementos, foram escolhidos 555 sujeitos da investigação, de forma intencional, representando a maioria atores educativos, os quais podemos caracterizar da seguinte maneira: os integrantes possuem idades compreendidas entre os 6-55 anos, com habilitações literárias que vão desde o ensino primário ao ensino superior e uma experiência de trabalho que varia entre os 2-22 anos de serviço (professores e pais/encarregados de educação).

3.3 CARACTERIZAÇÃO DO CAMPO DE INVESTIGAÇÃO

Viana, é um Município localizado na área adjacente à cidade de Luanda estando separada da capital a sensivelmente 20km a sul, na direção Luanda-Catete ocupando uma superfície de 1343.30km².

É limitado a norte pelos Municípios de Cacuaco e Cazenga, a Sul e a Este, pela Província do Bengo, a Oeste pelos Municípios de Kilamba Kiayi e Samba, bem como pelo Oceano Atlântico através da Barra do Kwanza.

De acordo com o estipulado na Lei n° 3/80 de 26/Abril, Decreto n° 87/80 de 15/Novembro e no Decreto Executivo n° 36/81 de 23/Setembro, do ponto de vista administrativo, este Município é composto por 3 (três) comunas

designadamente: A comuna de Calumbo que dista a 30km, a comuna Sede e Barra do Kwanza esta última, localizada a 70 km da capital municipal.

O Município de Viana é habitado por populares provenientes de várias regiões do país, sendo o fator conflito armado o que mais contribuiu para uma concentração populacional ao longo da estrada no sentido Luanda-Catete, encontrando-se por isso uma diversidade de culturas e características etnolinguísticas de todas as regiões de Angola.

A principal atividade económica é de natureza agropecuária e industrial. A população do Município é estimada em 1.200.000 (um milhão e duzentos mil) habitantes. Como resultado dos trabalhos de reconstrução nacional, em especial na cidade capital, algumas populações, têm sido transferidas para as áreas recém-contruidas (Zango), dando lugar à requalificação de algumas áreas da cidade de Luanda, como é o caso da construção e reconstrução de estradas e pontes, resultando daí o aumento da população cujo número poderá ultrapassar de longe o acima estimado.

Até ao momento da elaboração deste trabalho, a rede escolar da localidade em estudo, era constituída por um universo de 12 escolas assim distribuídas: 5 Escolas do ensino secundário do I e II ciclos e 3 Institutos Médios.

Com o objetivo de fazer face às necessidades da educação, o Município conta com um corpo docente constituído por 2 mil professores, sendo 1200 no ensino primário e 800 no I e II ciclos do ensino secundário de entre os quais, (2) dois Institutos Médios.

O Instituto a que nos referimos está vocacionado para ministrar cursos de gestão e administração, cuja construção é recente e resulta da cooperação existente entre alguns países da Ásia, com especial destaque para a China e Japão. O referido Instituto conta com 2 pisos de 10 salas cada, com uma capacidade de 35 alunos e uma área reservada para a administração num total de 22 salas, ao qual se junta um anexo, um ginásio com um pavilhão multiuso para a prática de modalidades desportivas tais como, basketbol, andebol, voleibol e futebol salão. Os cursos vão agora no segundo ano, funcionando em 2 turnos, exceto o noturno, que por razões de segurança não foi ainda implementado.

Possui uma capacidade de albergar anualmente 300 alunos da 10^a à 12^a classes na condição de alunos externos. A estrutura física garante todas as condições exigidas a um estabelecimento público, tais como casas de banho, recintos apropriados para a prática desportiva nas mais variadas modalidades, laboratório, biblioteca, etc. Possui salas de aulas bem arejadas com dimensões razoáveis para albergar um total de 35 a 40 alunos.

O nível de escolaridade dos professores oscila entre o bacharelato e a licenciatura.

CAPITULO IV- MÉTODOS DE INVESTIGAÇÃO

4.1 TÉCNICAS E INSTRUMENTOS DE PESQUISA

Quando falamos em pesquisa, num sentido amplo, referimo-nos a um conjunto de acções que são adoptadas para alcançar um determinado conhecimento. Neste caso as acções podem ser arbitrárias, porque o que interessa é que o fim seja tangível, mais do que os meios utilizados para o efeito.

A pesquisa científica distingue-se de outra qualquer porque segue um caminho, um percurso, utiliza um método devidamente sistematizado que, por o ser, recorre a técnicas pelas quais se recolhem informações que depois se têm de comunicar. Estas informações tendem em transformar-se em saber. Para que seja possível esta conversão é necessário que haja uma organização de todo o processo de investigação, isto é, que se criem condições para se conferir rigor e sustentabilidade ao que se investiga. Por isso Pardal e Correia (1995) afirmam que “as técnicas são um instrumento de trabalho que viabiliza a realização de uma pesquisa, um modo de conseguir a efectivação do conjunto de operações em que consiste o método” (p. 48) com vista à validação do modelo de análise.

4.2QUESTIONÁRIO

O questionário é uma técnica de investigação que consiste num conjunto de perguntas dirigidas a grupos de indivíduos e tem por objetivo confirmar, ou não, hipóteses explicativas ou questões formuladas pelo investigador ou uma perspectiva suscitada pela leitura que ele realizou.

Realizámos inquérito por questionário, este consiste numa técnica através da qual se obtém, de uma forma rápida e até impessoal, informações sobre opiniões, atitudes, valores, expetativas ou aspetos do comportamento das pessoas. Constitui-se por um conjunto de perguntas que deverão traduzir os objetivos da investigação, daí a importância do cuidado que deverá presidir à sua construção.

O referido inquérito realizou-se sob a forma de questionário escrito contendo perguntas abertas, semiabertas e fechadas, com o propósito de recolher o maior número de informações possíveis sobre a forma como a Comunidade Educativa percebe a escola. Foi aplicado aos professores, alunos, Diretores, funcionários administrativos, pais/encarregados de educação, seguranças das escolas, tendo sido aplicado previamente alguns questionários para a testagem do instrumento.

4.3ANÁLISE BIBLIOGRÁFICA

Existem, segundo Quivy e Campenhoudt (1992), três grandes grupos de métodos de recolha de dados que se podem utilizar como fontes de informação nas investigações qualitativas: a observação, o inquérito, que pode ser oral (questionário) ou escrito (questionário) e a análise de documentos.

A razão que pode presidir, segundo Calado e Ferreira (2005), à utilização de diversos métodos para a recolha de dados, é o facto destes permitirem “recorrer a várias perspectivas sobre a mesma situação, bem como obter informação de diferente natureza e proceder, posteriormente, a comparações entre as diversas informações, efectuando assim a triangulação da informação obtida” (p. 1). Daqui decorre que essa triangulação, enquanto

processo de análise dos resultados, potencia a validade relativa à forma como os dados de uma investigação são perspectivados.

Mas no que consiste esta análise? Se analisarmos a terminologia da expressão podemos verificar que, segundo a Enciclopédia Verbo, um documento (do latim *documentum*, derivado de *docere* “ensinar, demonstrar”) é qualquer meio, sobretudo gráfico, que pode comprovar a existência de um fato, a exatidão ou a verdade de uma afirmação.

Por esta razão, a análise de documentos para Bell (1993), citado por Calado e Ferreira (2005), “seguida na maioria das investigações educacionais, pode ser usada segundo duas perspectivas: servir para complementar a informação obtida por outros métodos, esperando encontrar-se nos documentos informações úteis para o objeto em estudo e ser o método de pesquisa central, ou mesmo exclusivo, de um projecto e, neste caso, os documentos são o alvo de estudo por si próprios” (p. 2).

Esta consistiu fundamentalmente na recolha e consulta de obras de autores diversos cujas abordagens têm relação com o tema. Assim, todos os dados recolhidos, serviram de base para a formulação do problema, referencial teórico, interpretação dos resultados de investigação e construção dos instrumentos

4.4 OBSERVAÇÃO DIRETA INFORMAL NÃO SISTEMATIZADA

A observação é uma técnica que está sempre presente, mesmo empregando outras técnicas. Desta feita, recorreu-se à observação para constatar in loco o estado das infraestruturas escolares e as condições de trabalho existentes em cada Escola.

Como referimos, a pesquisa realizada foi de tipo descritiva qualitativa, não experimental.

4.5 PROCEDIMENTOS E DIFICULDADES ENCONTRADAS

O contacto com a direção do Instituto de Gestão bem como as direções das escolas do I e II ciclos 970 e 9085 respetivamente, assim como a entrega

dos questionários escritos aos funcionários administrativos, seguranças, pais e encarregados de educação, alunos, não foi fácil. A recolha e o tratamento dos dados também se mostraram tarefas morosas e trabalhosas.

CAPITULO V - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Apresentamos agora a recolha dos dados e as análises que se elaboraram:

Tabela 1 – Amostra da Investigação

Interlocutores	População	Amostra	
	M	F	%
Diretores	3	3	100
Subdiretores	7	4	70
Professores	150	75	50
Alunos	800	400	50
Contínuos	9	4	70
Funcionários administrativos	20	10	50
Trabalhadores das cantinas	7	4	70
Seguranças das escolas	28	15	70
Pais e encarregados de educação	80	40	50
Total	1104	555	50

Gráfico 1 - Amostra da Investigação

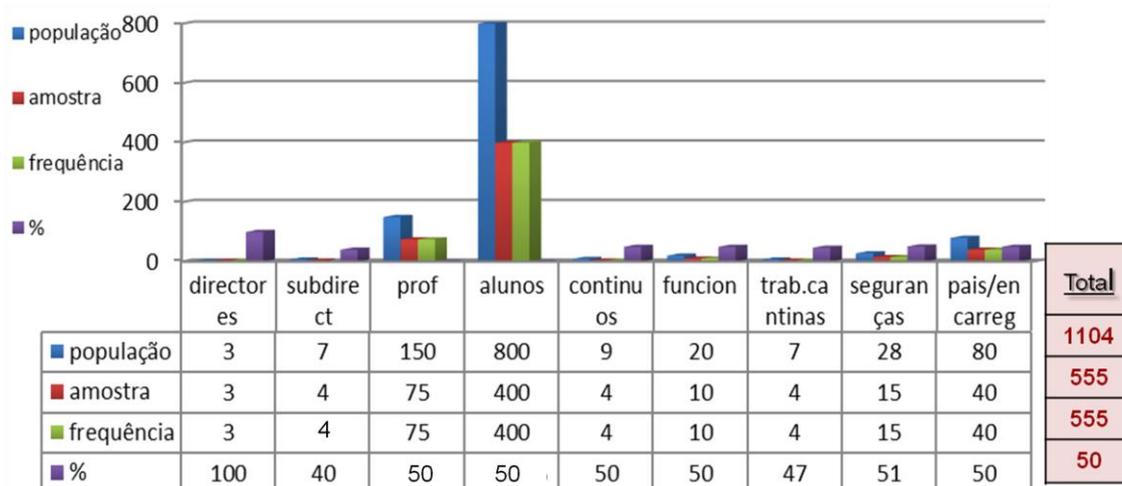


Tabela 2 – A Percepção que a Comunidade Educativatem da Escola

Inquiridos	Percepção que a Comunidade Educativatem da Escola	F	
Diretores e subdiretores	É uma instituição que tem a função de ensinar e educar as novas gerações para servirem a sociedade com dignidade.	3	0
	É um estabelecimento que tem por objetivo ensinar e educar as crianças para a vida futura.	3	0
Professores da escola 9131	É o local onde as crianças aprendem a ler e a escrever.	15	0
	É a segunda casa do aluno, que lhe garante a sua formação.	10	3
Professores da escola 970	É o local onde se processa o ensino aprendizagem e a educação do homem novo	15	0
	É uma instituição destinada para o ensino das novas gerações.	15	0
Prof. da escola 7085	É uma instituição criada para ensinar e educar as novas gerações a fim de servir a nossa sociedade no futuro.	20	7
Contínuos	É o local onde o aluno adquire conhecimentos para ser alguém na sociedade	4	00
Funcionários administrativos	É o lugar onde os alunos adquirem conhecimentos e cumprir os seus deveres na sociedade	5	0
	É uma instituição que tem como objetivo formar quadros para o desenvolvimento do País	5	0
Trabalhadores das cantinas	É o lugar onde os alunos adquirem conhecimentos e bons hábitos	4	00
Seguranças das escolas	É uma instituição que ensina e educa as crianças e jovens	15	00
Alunos	É o lugar onde adquirimos conhecimentos, bons hábitos e costumes	600	5
	É o local que nos ajuda a ser útil na sociedade, aprender a viver em comunidade	200	5
Pais e	É uma instituição cuja finalidade é formar o homem para ser útil à sociedade	30	5

encarregados de educação.	É a segunda casa do aluno	10	5
---------------------------	---------------------------	----	---

Gráfico 2 - A Percepção que a Comunidade Educativatem da Escola

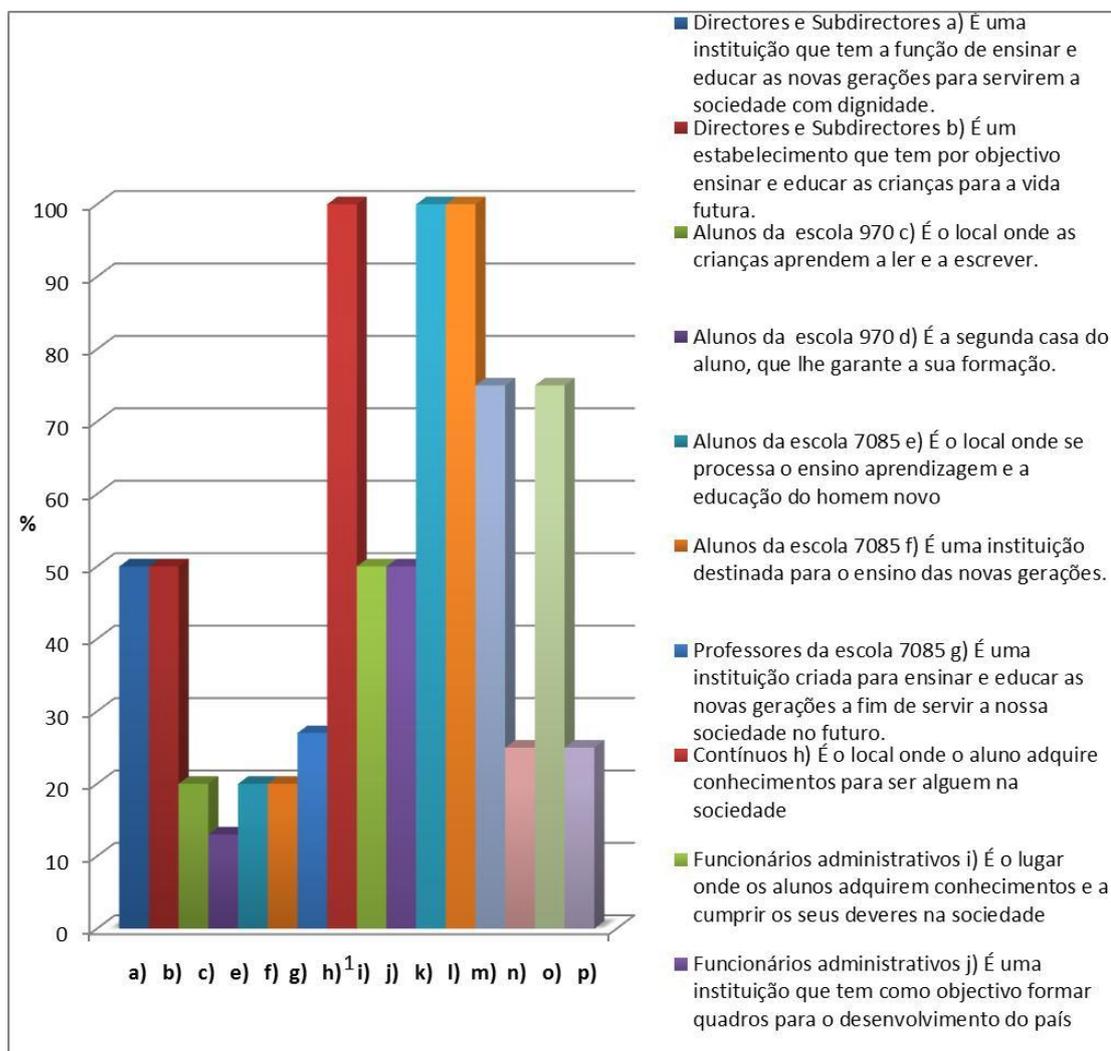


Tabela 3 - A participação da Comunidade Educativas nas atividades da Escola

Inquiridos	Planificação	F	%
-------------------	---------------------	----------	----------

Diretores	Planificam com os membros da direcção	7	100
	Planifica sózinho	-	-
Subdirectores	Planifica ouvindo todos os actores educativos	-	-

Gráfico 3 - A participação da Comunidade Educativa nas atividades da Escola

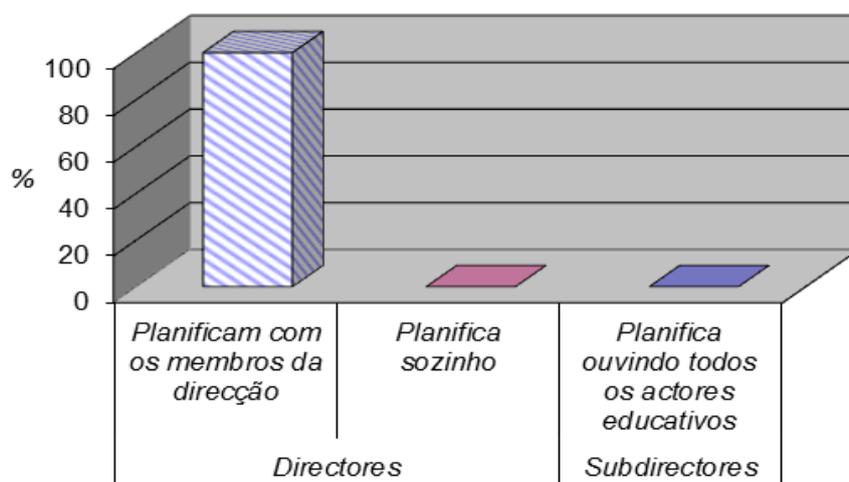


Tabela 4 - Tipo de relação existente entre a Escola e a Comunidade Educativa

Tipo de relação	F	%
Comparticipação financeira	37	9
Comunicação-Escola-Atores educativos	19	25.5
Participação na manutenção das infraestruturas	19	25.5
Total	75	100

Gráfico 4 - Tipo de relação existente entre a Escola e a Comunidade Educativa

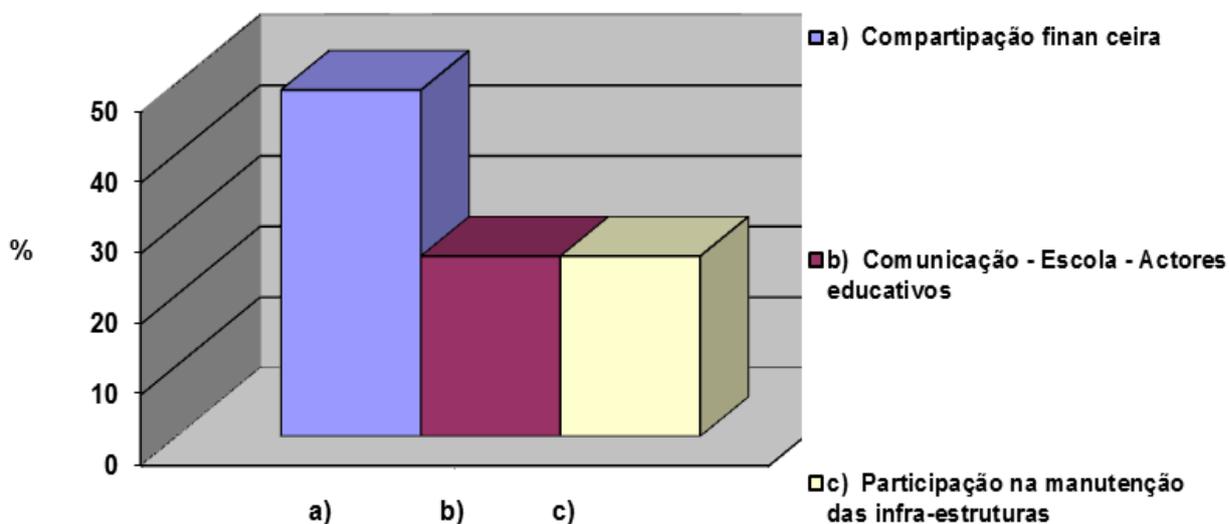


Tabela 5 - Contributo da Escola para a educação da Comunidade Educativa

Interlocutores	Contributo da escola à comunidade		

Diretores	Formação académica, social e profissional dos jovens		00
Subdiretores	Educação multifacética, formação profissional dos jovens, cedência do espaço escolar para a realização de atividades pela comunidade		00
Professores	Formação académica e profissional dos jovens	5	00
Funcionários administrativos	Ações de vacinação, formação das novas gerações		0
	Cedência de espaços para reuniões		0
Contínuos	A formação das crianças e jovens		0
Seguranças das escolas	A formação das crianças e jovens da comunidade	5	00
Trabalhadores das cantinas	A formação das crianças e jovens		00
Alunos	A formação dos membros da comunidade	00	0
Pais/encarregados de educação	Formação multifacética dos jovens e sua integração harmoniosa na sociedade	0	00

Gráfico 5 - Contributo da Escola para a educação da Comunidade Educativa

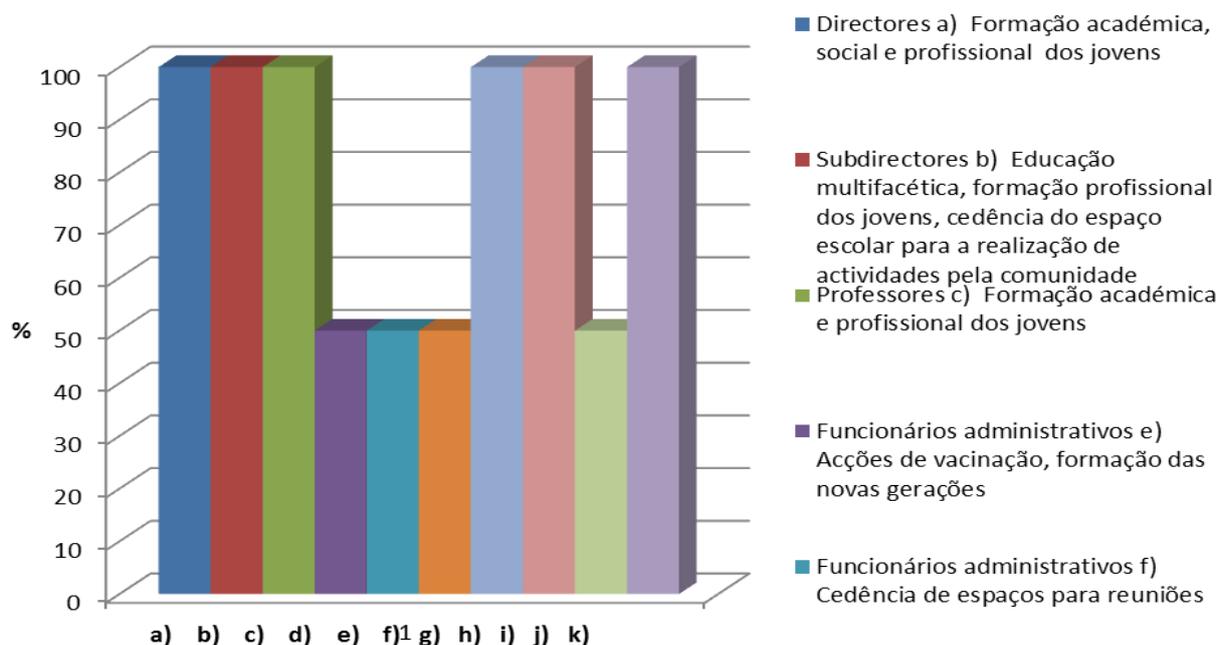


Tabela 6 - Habilitações Literárias dos Directores

Habilitações literárias	F	%
Frequência Universitária	1	100
Licenc. Economia.	1	100
Bacharel Economia.	1	100
Total	3	100

Gráfico 6 - Habilitações Literárias dos Directores

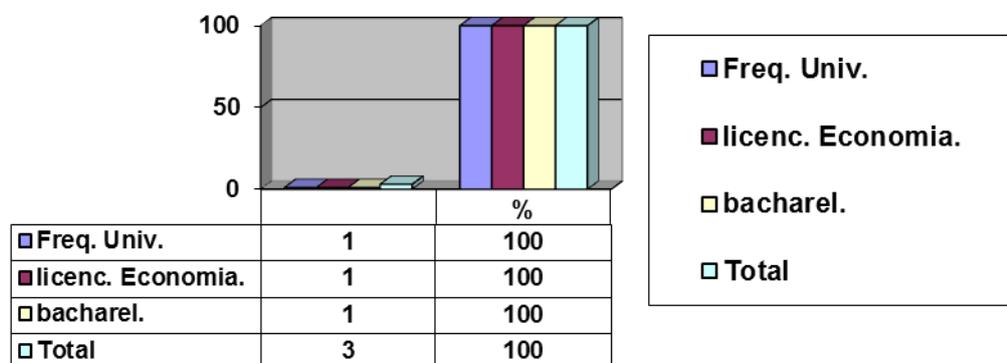


Tabela 7 - Habilitações literárias dos subdirectores das escolas

Habilitações literárias	F	%
Licenciado economia	2	100
Licenciado em Pedagogia	1	100
Total	3	100

Gráfico 7 - Habilitações literárias dos subdiretores das escolas

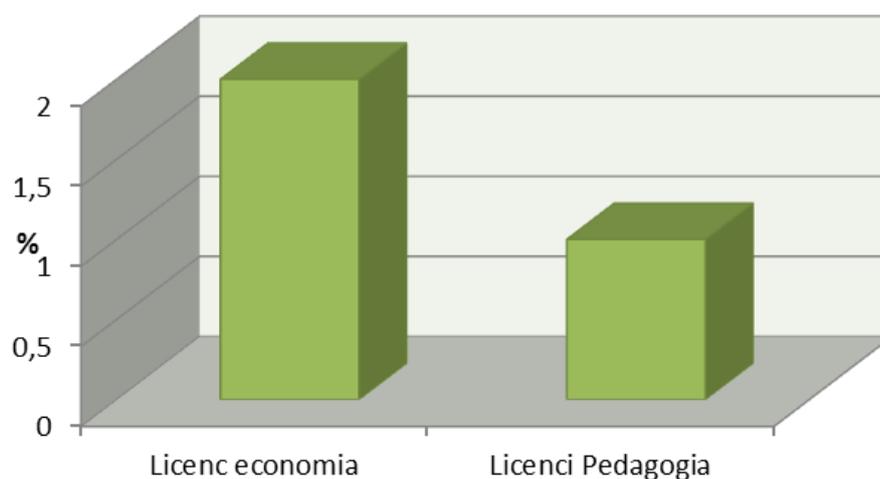


Tabela 8 - Habilitações literárias dos professores das escolas

Habilitações literárias	F	%
12ª classe	5	20
Licenciado economia	4	5
Licenciado psicologia	3	4
Licenciado pedagogia	10	16
bacharel	19	11
Total	41	100

Gráfico 8 - Habilitações literárias dos professores das escolas

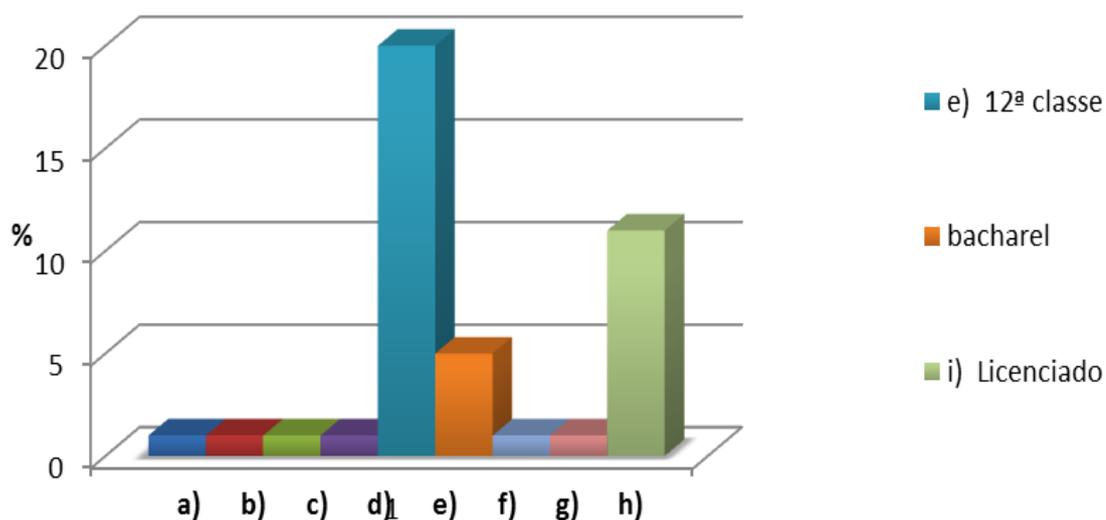


Tabela 9 - O tempo de experiência dos atores educativos

Atores	Anos de experiência	F	%
Seguranças Trabalhadores das cantinas	1 – 5	30	26
Diretores	6 –11	45	39
Funcionários	12 –17	25	22
Professores	18 – 22	15	13
Total		115	100

Gráfico 9 - O tempo de experiência dos atores educativos

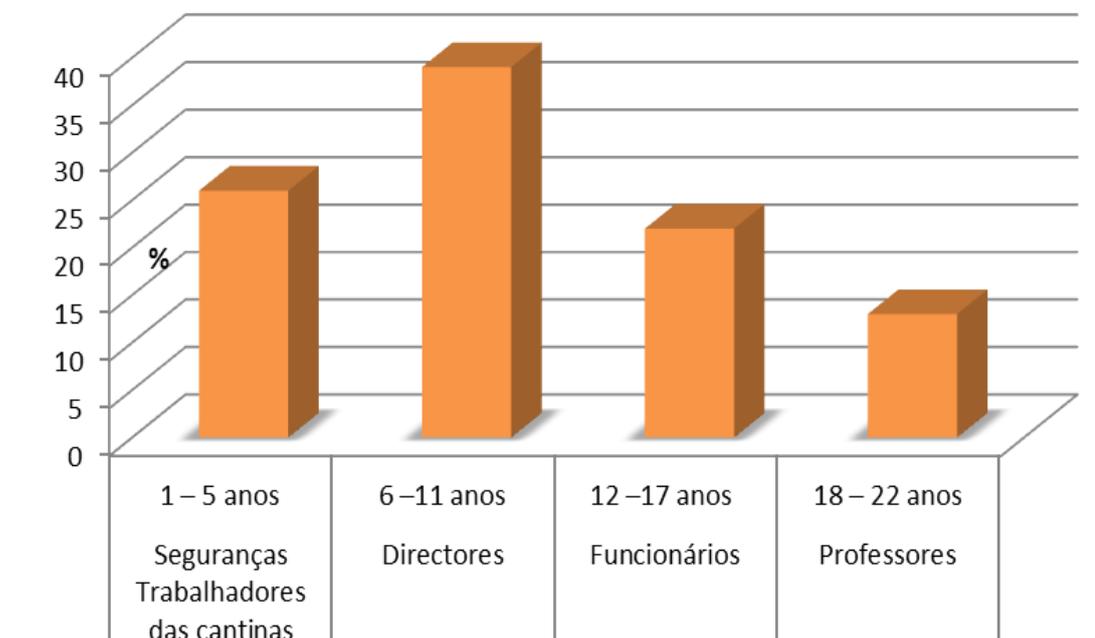


Tabela 10 - Condições de trabalho dos atores educativos

Respostas	F	%
Boas	20	36
Razoáveis	385	70
Péssimas	150	27
Total	555	100

Gráfico 10 - Condições de trabalho dos atores educativos

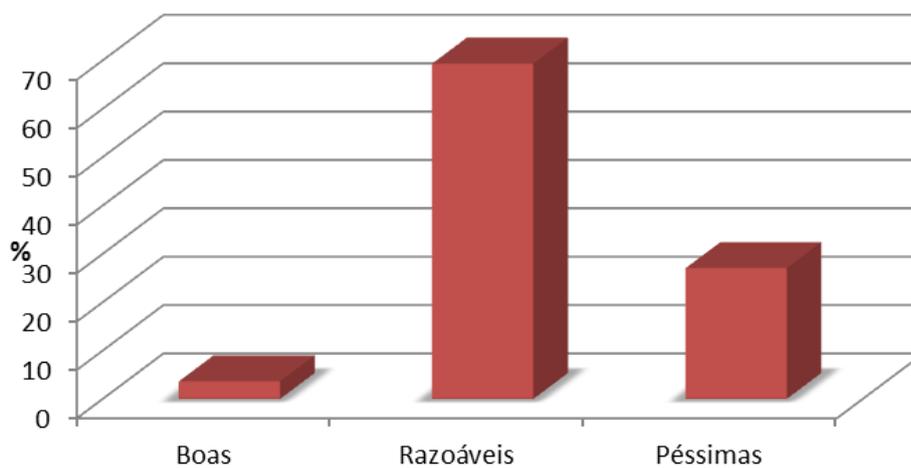


Tabela 11 - Atividades realizadas na Escola pelos atores educativos

Inquiridos	Respostas obtidas
Diretores e subdiretores	100% dos diretores e subdiretores estão envolvidos em todas as atividades que se realizam na escola.
Professores	Mais de 60% afirma que envolve-se fundamentalmente nas atividades de ensino/aprendizagem. Os restantes também estão envolvidos nas atividades extraescolares nas datas festivas; na limpeza da escola e arredores, na organização dos alunos na entrada e saída dos mesmos, nas reuniões com os encarregados nas assembleias de trabalhadores.
Funcionários administrativos	100% afirmaram que participam principalmente na organização dos alunos e nas festividades organizadas pela escola.
Contínuos	Participam nas reuniões dos seus educandos porque segundo eles têm filhos na escola
Seguranças das escolas	Afirmaram que a sua participação tem sido sobretudo na organização dos alunos e quando são chamados
Trabalhadores das cantinas escolares	Não estão envolvidos em nenhuma atividade da escola
Alunos	Para além do seu dever que é o de estudar, participam em todas as atividades de natureza organizativa, recreativa bem como no saneamento básico não incluindo aquelas relacionadas com a planificação e gestão escolar.
Pais e encarregados de educação	Nas reuniões convocadas pela escola.

Tabela 12 - Opiniões dos atores educativos

Inquiridos	Opiniões
Diretores e subdiretores	Afirmaram que contribuem com ideias, sugestões, participações financeiras.
Professores	Contribuem com ideias, sugestões, com ações concretas
Funcionários administrativos	Com ideias e sugestões
Contínuos	Com sugestões
Seguranças das escolas	Com sugestões e com ações na manutenção da ordem e disciplina
Trabalhadores das cantinas escolares	Empenhados apenas nas atividades de interesse comercial
Alunos	Participam nas diversas atividades realizadas na escola
Pais e encarregados de educação	Contribuem com ideias, sugestões e participação financeira

CAPÍTULO VI - INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

6.1 A PERCEÇÃO QUE A COMUNIDADE EDUCATIVATEM DA ESCOLA

Para análise desta variável, usou-se como indicadores o entendimento que os elementos da Comunidade Educativatem da Escola, a planificação das atividades realizadas na Escola.

Começou-se por questionar a população alvo, sobre o entendimento desta em relação à Escola. Ao analisar as respostas dos interlocutores, constatou-se o seguinte:

50% dos diretores e subdiretores, afirmaram que a Escola é uma instituição cuja missão consiste em ensinar e educar as novas gerações a fim de servirem a sociedade com dignidade. Outros 50% dos diretores e subdiretores afirmaram que a Escola é um estabelecimento que tem por objetivo ensinar e educar as crianças para a vida futura. Estas afirmações levaram-nos a aferir que os interlocutores de uma forma geral restringiram o conceito de Escola à uma instituição cuja finalidade é a de ensinar bons hábitos e costumes. 13% dos professores, conceituaram a Escola como sendo a segunda casa que lhes proporciona o aumento de conhecimentos e um futuro melhor. 40% dos professores afirmaram que a Escola é o local onde as crianças aprendem a ler e a escrever assim como se destina para o ensino das novas gerações. Esta afirmação, deixou a entender que, os professores restringem o conceito de Escola ao processo de ensino-aprendizagem, pois, fazem apenas referência ao fator conhecimento científico, sem ter em conta outros fatores como é o caso da componente educativa traduzida em normas civico-morais.

Quanto aos funcionários administrativos, 50% dos funcionários restringem o conceito de Escola a um lugar onde os alunos adquirem conhecimentos para ajudar a desenvolver o seu país. Ainda 50% dos funcionários administrativos entendem a Escola como um local onde se adquire conhecimentos e os orienta a cumprir as suas responsabilidades na sociedade.

Com o objetivo de completar os dados, recorreremos ao método de questionário e sómente 25% dos interlocutores conceituaram a Escola como sendo também um local que nos orienta a viver em comunidade. É oportuno referir que os funcionários administrativos olham para a Escola apenas como um local destinado a transmitir conhecimentos.

Os contínuos das Escolas, numa proporção de 100%, restringem o conceito de Escola a um local onde se adquirem conhecimentos para se ser alguém na sociedade. 100% dos trabalhadores das cantinas escolares, afirmaram que a Escola é o lugar onde os alunos adquirem conhecimentos, bons hábitos, usos e costumes.

Também, 100% dos seguranças das Escolas, conceituam a Escola como uma instituição que ensina e educa as crianças e jovens. Em nenhum momento os interlocutores mencionaram a Escola como local de trabalho. Alguns atores educativos, como por exemplo: os diretores e subdiretores, funcionários administrativos, professores, seguranças, trabalhadores das cantinas etc; devem também olhar a Escola como seu local de trabalho; aspeto que não foi referenciado por nenhum dos interlocutores.

Olhando para os conceitos apresentados, percebe-se que a Escola é vista apenas como uma instituição, cujo objetivo é o de ensinar, educar e ajudar o indivíduo a cumprir com as suas responsabilidades após a sua formação. Os interlocutores têm alguma noção do que é a Escola.

De qualquer forma, o conceito de Escola é muito mais abrangente, a Escola é uma instituição que tem por objetivo ensinar e educar os jovens para serem úteis à sociedade. Quanto aos alunos, estes olham para a Escola como um lugar onde se adquirem conhecimentos e os ajuda a ser homens úteis à sociedade e a viver em comunidade. 75% dos pais e encarregados de educação, afirmam que a escola é uma instituição cuja finalidade é a de formar o homem a fim de torná-lo útil à sociedade. 25% dos mesmos, afirma que a

Escola é a segunda casa do aluno. De qualquer forma o conceito de Escola para os interlocutores, está pouco claro porque, olham para a Escola apenas como um lugar onde se processam conhecimentos em benefício da sociedade.

A Escola deve também ser entendida como um lugar de socialização das novas gerações refletindo seus valores e seu nível cultural, visto que a interação entre os alunos, entre alunos-professores, encarregados de educação e os professores tem por finalidade a socialização da criança a sua iniciação na vida em sociedade e a preparação do seu futuro.

6.2 A PLANIFICAÇÃO DAS ATIVIDADES REALIZADAS NA ESCOLA

Quanto à planificação das atividades realizadas na Escola constatou-se o seguinte:

Em relação à planificação das atividades da Escola, 100% dos diretores e subdiretores afirmaram que para planificar as atividades da Escola fazem-no envolvendo todos os membros da direção da Escola. Na tentativa de aprofundar esta questão, realizaram-se encontros com alguns professores e percebeu-se que nem sempre tem sido este o procedimento. A prática tem demonstrado que o diretor planifica as atividades da Escola envolvendo apenas o subdiretor.

Segundo Episteim, a Escola tem obrigações básicas para com os atores educativos que trabalham na Escola e não só, como por exemplo: as obrigações que se referem às modalidades de comunicação entre a Escola e a Comunidade Educativa— cartas, telefonemas, reuniões, relatórios, visitas domiciliárias; etc; análise dos currículos bem como o progresso escolar dos alunos.

Na observação efetuada, constatou-se que a Escola envolve apenas alguns elementos da sua direção. Não se verifica a participação da comunidade escolar no momento da planificação das atividades da Escola e conseqüentemente, verifica-se um envolvimento deficiente no momento da realização da atividade.

6.3 O IMPACTO DA PERCEÇÃO QUE A COMUNIDADE EDUCATIVATEM DA ESCOLA E O SEU ENVOLVIMENTO NAS ATIVIDADES REALIZADAS NA ESCOLA

Para análise desta variável, tomou-se como indicadores os seguintes:

- O contributo da Comunidade Educativa nas atividades que a Escola realiza.
- O contributo da Escola para a educação da comunidade em que está inserida.
- O tipo de relação estabelecida ou que se estabelece entre a Escola e a Comunidade Educativa.
- A existência de um projeto educativo de Escola, nas escolas em estudo.

6.4 O CONTRIBUTO DA COMUNIDADE EDUCATIVANAS ATIVIDADES REALIZADASPELA ESCOLA

Nas observações efetuadas, verificou-se que o contributo que a Comunidade Educativa oferece à Escola, resume-se em: ideias, sugestões e participações financeiras. Este facto, deve-se à falta de tradição na ligação efetiva entre a escola e a Comunidade Educativa.

Verificou-se, também, que os pais têm demonstrado interesse em colaborar nas atividades que a Escola realiza. 50% do número de encarregados questionários acharam que as atividades realizadas pela Escola, constituem tarefa de exclusiva competência da mesma. Os pais afirmaram que têm participado nas reuniões de notas e sempre que são convocados pelos professores com vista a solucionar determinados problemas relacionados com os seus educandos.

Os restantes 50% dos pais/encarregados de educação, têm uma visão diferente do contributo que devem oferecer à Escola. Constatou-se que estes pais, contribuem na resolução dos problemas manifestados pelos seus educandos, com ideias e sugestões sobre diferentes aspetos abordados nos

encontros mantidos ao longo do ano letivo, com a participação financeira, sempre que lhe é solicitada para resolver situações pontuais da Escola, como por exemplo, reparação de carteiras, compra de quadros pretos; etc.

Quanto à relação Escola-comunidade educativa, durante o período que durou a investigação, foi possível observar a atividade de abertura do ano letivo 2011 nas escolas do I e II ciclos 9085, tendo constatado o seguinte:

Não se envolve toda a Comunidade Educativa nesta atividade que marca o início de um ano letivo, nas observações efetuadas, constatou-se que os atores educativos envolvidos são os diretores de Escola, subdiretores e funcionários administrativos que ajudam a solucionar casos de ou não enquadramento dos alunos.

Alguns professores envolvidos são chefes de turno, que ajudam a encaminhar os alunos e seus pais para as respectivas salas e contactar os professores. Na tentativa de se saber o porquê do não envolvimento dos elementos da comunidade educativa, questionaram-se os responsáveis da escola não tendo obtido qualquer resposta, o que levou a concluir não ser hábito envolver-se toda a Comunidade Educativa na atividade de abertura do ano letivo.

Os pais afirmaram não terem participado no momento em que se planeou a atividade. Continuaram dizendo que não receberam cartas, nem convites para tal efeito, tendo recebido apenas convites com vista à sua participação nas reuniões trimestrais visando obter informações sobre a situação dos seus educandos relativo ao comportamento e rendimento escolar. Quanto ao envolvimento dos pais/encarregados de educação nas atividades alusivas ao 1º de junho, muitos mostraram interesse em contribuir com canções, poesias, palestras sobre a data, etc, mas disseram que nunca foram convidados a realizar atividades do género.

Questionados sobre a abordagem de diversos temas na sala de aulas cuja resposta foi negativa, alegaram nunca terem sido convidados para este fim. Perante o quadro que se apresenta, sugere-se que a Escola deveria aproveitar ao máximo o contributo dos pais nas suas atividades, bem como os pais deveriam oferecer-se para participarem nas atividades que a Escola

realiza, a fim de partilharem as suas responsabilidades na educação e desenvolvimento dos jovens.

Os seguranças das escolas, os trabalhadores das cantinas, os contínuos e os funcionários administrativos, todos foram unânimes em afirmar que nunca presenciaram a planificação das atividades que se realizam na Escola. Os professores das respetivas escolas afirmaram que nunca foram convidados a participar da planificação das atividades da Escola. 25%, confirmaram a sua participação na planificação das atividades da escola.

Entretanto, através de encontros mantidos com os professores com cargos de responsabilidade na hierarquia da Escola, tais como chefes de turno, responsáveis pelas atividades extraescolares, ou ainda membros das comissões de pais., questionou-se o seguinte:

Em que momento planificam as atividades? Em que consiste a vossa participação? Como têm sido acolhidas as vossas contribuições?

Das respostas obtidas aferimos que, parte dos professores não tem participado no momento da planificação das atividades. Disseram que sempre que necessário, a direção informa-lhes sobre as datas festivas em função do qual têm apresentado propostas sobre as atividades a serem cumpridas nesse dia, cabendo a estes professores, a tarefa de sensibilizar os demais professores e seus alunos para a respetiva data.

Quanto ao envolvimento, constatou-se que nem todos os professores foram envolvidos nas atividades alusivas ao 1º de junho, sendo alguns deles responsáveis pelas atividades extraescolares chefes de turno, de turma e coordenadores de alunos. Nas questionários aos diretores e subdiretores, responsáveis da Escola, a justificação dada sobre a não participação na planificação das atividades e conseqüentemente do não envolvimento de todos os atores educativos nas atividades da Escola tem a ver com a razão segundo a qual, não tem sido hábito tendo assumido com humildade o desconhecimento de tais práticas.

Pelas constatações feitas, pode-se aferir que o contributo que a Comunidade Educativa oferece à Escola, consiste essencialmente em ideias, sugestões durante as reuniões quando convocados e com a comparticipação financeira quando solicitados para a resolução de problemas pontuais. Quando

da observação de uma atividade de limpeza e saneamento básico na Escola 970, constatou-se o envolvimento de todos os alunos na atividade de limpeza contrastando com a não participação dos pais/encarregados de educação, funcionários administrativos, seguranças e trabalhadores das cantinas. Querendo compreender a razão do não envolvimento dos funcionários afetos às categorias referenciadas, concluiu-se que a sua ausência deveu-se ao facto de não terem sido convidados pela direção da Escola a fim de poderem participar na referida atividade.

Apenas 20% dos professores da Escola marcaram presença na referida atividade tendo os restantes apresentado como desculpas, a falta de conhecimento, concluindo-se assim que a comunicação naquele estabelecimento escolar apresenta ainda algumas debilidades. Quanto ao diretor e subdiretor da instituição, estes, não se fizeram presentes no momento do cumprimento da atividade de limpeza.

De tudo o que foi possível constatar, pode-se concluir que a comunidade educativa tem participado muito pouco nas atividades da Escola, pois, não se tem verificado com frequência um envolvimento efetivo da mesma nas ações realizadas pela Escola. Concluiu-se também que a Escola está fechada sobre si mesma, com reduzidos contactos e interações com a Comunidade Educativa e outros parceiros da comunidade em geral.

6.5 O TIPO DE RELAÇÃO QUE SE ESTABELECE ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE EDUCATIVA

Segue-se a análise das opiniões dos professores sobre a relação que se estabelece entre a Escola e a Comunidade Educativa.

Da análise que se pode fazer dos professores infere-se que o tipo de relação que se tem estabelecido entre a Escola e a Comunidade Educativa, tem se resumido na comparticipação financeira viasando a resolução de problemas pontuais vividos pela Escola. Parte dos professores questionados, afirmaram que este tipo de relação tem sido feita através da comunicação entre a Escola e a Comunidade Educativa. Para melhor compreensão alguns

professores disseram que a comunicação tem sido feita através de reuniões coletivas, assembleias de trabalhadores e sobretudo no início do ano letivo através de boletins informativos, anúncios, na vitrina da Escola. Os restantes 25,5%, disseram que o tipo de relação entre a Escola e a comunidade educativa, resume-se na participação nas tarefas de manutenção das infraestruturas escolares tais como; a pintura da Escola, reparação das carteiras danificadas, etc. .

6.6O CONTRIBUTO DA ESCOLA PARA A EDUCAÇÃO DA COMUNIDADE EDUCATIVAEM QUE A MESMA ESTÁ INSERIDA

Os diretores afirmaram que a Escola contribui na formação académica das crianças, na formação pessoal e social dos jovens. A totalidade dos Subdiretores disseram que a Escola pode contribuir na formação multifacetada dos jovens, formação profissional dos jovens e na cedência do recinto escolar, sempre que a comunidade queira organizar as suas atividades.

Nos encontros mantidos com os responsáveis das escolas, eles afirmaram que a preocupação máxima da Escola é a de ver os seus alunos a desenvolverem-se multifacetadamente sem perder de vista o desenvolvimento da comunidade em que a Escola se encontra inserida. Sobre este item os os professores, afirmaram que o contributo da Escola à comunidade, consiste na formação académica e profissional dos jovens.

Sobre o mesmo item, os funcionários administrativos, afirmaram que o contributo que a Escola pode dar à comunidade em que está inserida, resume-se na cedência de espaços para reuniões de várias instituições sempre que forem solicitados tendo alguns acrescentado o facto de a Escola ter já contribuído com carteiras a quando das campanhas de vacinação.

Os contínuos, os trabalhadores das cantinas, os seguranças das escolas afirmaram que o contributo que a Escola pode dar à comunidade, consiste na formação das crianças e jovens da comunidade garantindo deste modo a sua integração na sociedade. Os pais/encarregados de educação deixaram bem claro nos encontros efetuados, que o contributo oferecido pela Escola tem a ver com a formação multifacética dos jovens com vista á sua integração na

comunidade. Parte dos alunos afirmaram que o contributo da Escola à comunidade consiste na formação dos homens e mulheres da referida comunidade.

De uma maneira geral, de acordo com os interlocutores, estes consideram que o contributo que a Escola dá à comunidade resume-se na formação académica e profissional dos jovens, a cedência de espaços escolares para a realização de reuniões e outros eventos que as organizações comunitárias e os próprios jovens promovem. Uma percentagem bastante reduzida apontou como contributo o desenvolvimento pessoal e social dos jovens.

A Escola pode contribuir mais para o desenvolvimento da comunidade como por exemplo na sensibilização do saneamento básico, com campanhas de limpeza na Escola e na comunidade, deve ainda ajudar no processo de alfabetização dos idosos da comunidade, cedendo uma das salas de aulas para o efeito.

Deve também organizar palestras que abordem temas tais como as doenças transmissíveis e sua prevenção, a importância da formação profissional dos jovens, etc., pois, todas as ações que forem realizadas pela Escola resultarão sempre num bem comum para benefício de toda a comunidade.

6.7 A EXISTÊNCIA DE UM PROJETO EDUCATIVO NAS ESCOLAS EM ESTUDO

Sobre o conceito de projeto educativo, os interlocutores responderam o seguinte:

Mais de metade dos inquiridos, não conseguiram formular um conceito que se aproximasse ao projeto educativo. Somente 20% deles, conceituaram “Projeto Educativo”, como sendo uma planificação que a Escola realiza ao longo de um ano letivo. Para estes, o conceito de projeto educativo não está claro pois, não fazem referência à participação/envolvimento dos atores educativos no local onde a Escola está inserida.

É necessário que se entenda que o projeto educativo constitui um contributo decisivo para a construção de um projeto curricular adequado às

necessidades e exigências da vida contemporânea, não só por causa da sua importância como fator de regulação estratégica da intervenção pedagógica a desenvolver em contextos educativos formais, mas sobretudo, em função das suas implicações educativas mais amplas.

Canário (1992), defende que o projeto educativo corporiza e contribui para o processo de construção da autonomia das escolas, assumindo-se simultaneamente como um instrumento no qual se expressam e articulam três vetores decisivos:

i. O vetor da investigação a partir do qual se valoriza o protagonismo dos vetores que percorrem as instituições escolares no âmbito do processo de construção do conhecimento;

ii. O vetor da inovação, que expressa a mudança organizacional que o projeto educativo implica;

iii. O vetor da formação, que corresponde ao processo de transformação das representações e das práticas do sujeito. Em suma, subjacente à noção de projeto educativo, encontra-se um quadro de valores e de referências teóricas básicas que se podem consubstanciar num conjunto de preocupações educativas.

Iremos agora analisar os fatores que determinam a forma como a Escola é percebida pela comunidade educativa.

6.8 FATORES QUE DETERMINAM A FORMA COMO A ESCOLA É PERCEBIDA PELA COMUNIDADE EDUCATIVA

Para melhor analisar os fatores que determinam a forma como a Escola é percebida pela Comunidade Educativa, selecionamos os seguintes indicadores:

As habilitações literárias e profissionais dos atores educativos; o tempo de serviço como profissional da educação; as condições de trabalho dos atores educativos; a preparação/atualização dos atores educativos; o tipo de envolvimento do atores educativos nas atividades realizadas na Escola.

Constatou-se que, os diretores das escolas investigadas, possuem como habilitações literárias, o ensino médio dos Institutos médios de Educação, o bacharelato em contabilidade e gestão e a licenciatura em diferentes cursos.

Como se pode verificar, existem diretores que são técnicos formados e alguns estão em formação no ramo das ciências da educação e de contabilidade e gestão. Os mesmos afirmaram que sentem-se motivados para o exercício dos cargos de direção que ocupam e que têm a plena consciência de que precisam de pessoal capacitado para enfrentar as exigências que lhes são impostas pela micro-sociedade, que é a Escola e pela sociedade em geral..

Dos interlocutores que exercem a função de subdiretor pedagógico, apenas um, está formado em Pedagogia ao passo que os outros formaram-se em Economia. Contudo, embora formados em áreas diferentes, desempenham com zelo as suas tarefas.

Foi possível perceber que a sua maior preocupação consiste em elevar o seu grau académico. Porém, mesmo não possuindo uma formação pedagógica aceitável, consideram-se acima de tudo professores que independentemente das condições existentes, têm dado o seu modesto contributo na formação das novas gerações.

Contatou-se que os professores que lecionam na Escola do I ciclo 970 possuem baixo grau académico. Em caso de necessidade de recrutamento de professores, solicitam à Delegação Municipal, para que esta proceda ao completamento de acordo com as vagas disponíveis .

Informaram também que os professores com pouca experiência de trabalho por serem novos no desempenho da profissão, garantem o desenvolvimento normal do processo docente educativo pois, mostram-se bastante motivados em levar a cabo a referida atividade.

No II ciclo, são necessários professores com um grau académico mais elevado e com muita experiência de trabalho, a fim de assegurar com eficácia os conhecimentos de base, tendo em atenção os níveis posteriores.

Verificou-se que as escolas precisam de um corpo docente exigente e doptado de um comportamento moral e cívico capaz de influenciar os seus educandos.

6.9 HABILITAÇÕES LITERÁRIAS DOS ATORES EDUCATIVOS

Quanto a este indicador, foi possível aferir o seguinte seguinte:

Constatou-se a existência de pais/encarregados de educação pouco letrados, isto é, mesmo não possuindo habilitações literárias correspondentes à escolaridade obrigatória, revelaram uma grande preocupação na educação dos seus filhos e com muita ansiedade aguardam que os mesmos concluam com êxitos os respectivos cursos e a par dos conhecimentos adquiridos, estejam munidos de uma educação compatível com as exigências da sociedade. Constatou-se também, a existência de pais e encarregados com o ensino de base concluído bem como aqueles que frequentam diferentes níveis de ensino incluindo o superior embora em número bastante reduzido.

No que toca aos funcionários administrativos, as suas habilitações variam entre a o I e II ciclos. Os seguranças das escolas são os menos letrados possuindo entre a 4^a, 5^a e 6^a classes. Quanto aos trabalhadores das cantinas, as suas habilitações literárias variam entre a 6^a e a 8^a classes. Assim sendo, é justo afirmar que as habilitações literárias dos atores educativos, variam desde os menos letrados ao nível superior.

6.10 EXPERIÊNCIA DE TRABALHO DOS ATORES EDUCATIVOS

Parte considerável dos atores educativos acumula uma certa experiência em cada uma das áreas em que estão vinculados.

6.11 CONDIÇÕES DE TRABALHO DOS ATORES EDUCATIVOS

Mais de metade dos atores educativos considerou as condições de trabalho de razoáveis, embora alguns em número reduzido as tenha considerado de péssimas. Adiantaram ainda a necessidade de contribuir para a melhoria das condições de trabalho, sugerindo mesmo a conservação das condições já existentes na Escola reclamando apenas pela melhoria dos salários.

6.12 A PREPARAÇÃO/ATUALIZAÇÃO DOS ATORES EDUCATIVOS

Em relação a este ponto, constatou-se que os atores educativos da Escola 9131, como é o caso dos professores e subdiretores, são os que mais se beneficiam de seminários de capacitação pedagógica durante as férias.

Alguns diretores e funcionários administrativos de outras escolas, participaram no ano passado em seminários sobre organização e gestão escolar. Quanto aos trabalhadores das cantinas, contínuos, seguranças das escolas, alunos, pais e encarregados de educação, disseram que nunca participaram, em virtude de nunca lhes ter sido endereçado nenhum convite com este propósito.

Este facto, permite concluir que a preparação/atualização dos atores educativos, não é feita de forma regular, sobretudo no que concerne aos professores, diretores e subdiretores.

Para os demais atores educativos, (seguranças das escolas, funcionários administrativos, contínuos, alunos pais e encarregados de educação), não tem havido preocupação nesse sentido, o que permite aferir que, a não preparação/atualização dos atores educativos, tem estado na base da má perceção que os mesmos têm da Escola.

6.13 O ENVOLVIMENTO DOS ATORES EDUCATIVOS NAS ATIVIDADES REALIZADAS NA ESCOLA

Analisaram-se os tipos de atividades em que os atores educativos se envolvem no seu dia a dia com a Escola.

Para análise desta questão, conversou-se com os diretores e subdiretores das escolas já referenciadas, tendo se constatado que, os mesmos envolvem-se em todas as atividades da Escola, desde o momento da programação até à implementação dos respectivos planos.

A maior parte dos professores afirmaram que têm se envolvido fundamentalmente nas atividades relacionadas com o processo de ensino/aprendizagem.

Contactados os professores com cargos de chefia, estes afirmaram que para além das atividades de ensino, têm se envolvido nas atividades extraescolares, tais como, efemérides, atividades desportivas, recreativas, conservação do ambiente, na limpeza da Escola e arredores, na organização dos alunos à entrada e saída da Escola, nas reuniões com os pais e encarregados de educação e nas assembleias de trabalhadores.

Quanto ao tipo de envolvimento dos funcionários administrativos, os mesmos, foram unânimes em afirmar que, a sua participação tem incidido principalmente na organização dos alunos e nas festividades organizadas pela Escola.

Quanto aos seguranças das escolas, estes confirmaram que a sua participação tem incidido fundamentalmente na organização dos alunos, sempre que são chamados a participar.

Fazendo uma análise da conversa mantida com os alunos e seus encarregados de educação, pode-se concluir que, os alunos têm participado nas festividades comemoradas pela Escola, nas atividades desportivas e recreativas, bem como no saneamento da Escola.

Os pais e encarregados de educação, têm participado nas reuniões convocadas pela Escola. Quanto aos trabalhadores das cantinas, estes confirmaram nunca terem sido envolvidos em nenhuma atividade da Escola..

De tudo o que acima foi exposto, permite concluir que a Comunidade Educativa participa muito pouco nas atividades da Escola, isto é, o envolvimento da Comunidade Educativa nas ações realizadas pela Escola tem sido pouco expressivo.

Após a análise dos fatores que determinam a forma como a Escola é percebida pela Comunidade Educativa, far-se-á uma reflexão sobre o impacto da perceção que a Comunidade Educativa tem no seu envolvimento com a Escola.

6.14 O IMPACTO, A PERCEÇÃO E O ENVOLVIMENTO QUE A COMUNIDADE EDUCATIVA TEM NAS ATIVIDADES REALIZADAS

Para análise desta variável, usou-se como indicadores os seguintes:

- Contributo da Comunidade Educativa nas atividades que a Escola realiza;
- O tipo de relação estabelecida ou que se estabelece entre a Escola e a Comunidade Educativa;
- O contributo da Escola para a educação da comunidade em que a mesma está inserida;
- A existência de um projeto educativo de Escola, nas escolas em estudo.

6.15 O CONTRIBUTO DOS ATORES EDUCATIVOS NAS ATIVIDADES QUE AS ESCOLAS REALIZAM

Quanto ao contributo que os atores educativos oferecem às escolas, as opiniões resumem-se no seguinte:

- Com ideias nos aspetos abordados nas reuniões;
- Com sugestões nas várias reuniões em que são chamados;

- Participação financeira, sempre que é solicitada para resolver situações pontuais da Escola;
- Com ações concretas de manutenção da disciplina dos alunos.
- Facilitação de contactos com responsáveis do Município, etc;
- Com palestras.

Querendo saber que outros contributos, os atores educativos oferecem à Escola, pode aferir-se que contribuem somente com sugestões e contribuições financeiras: Nas escolas do I e II ciclos, 970 e 9085 respetivamente, foi possível apurar-se que, os atores educativos exceto os diretores e subdiretores, não contribuem nos seguintes aspetos:

- No momento da programação das atividades, logo no início do ano letivo porque nestas ocasiões, nunca são convocados pela direção da Escola;
- Na avaliação dos alunos ao longo de todo o ano letivo, exceto os professores. Os demais, tomam simplesmente conhecimento dos resultados obtidos pelos seus educandos;
- Na abordagem de determinados temas de interesse geral.

Estas constatações, levaram a concluir que, o contributo que os atores educativos dão às escolas, consiste essencialmente no seguinte:

Nas sugestões e ideias a quando das reuniões, isto, se forem convocados, bem como na participação financeira caso forem solicitados para resolver problemas pontuais.

Constatou-se a necessidade urgente das direções das escolas, abrirem-se mais para a Comunidade Educativa de formas a colher o máximo dos contributos que ela pode oferecer, com vista a melhorar a Escola e a comunidade onde ela está inserida.

Constatou-se também que, a Escola fecha-se sobre si própria, com poucos contactos e interações com os atores educativos e a comunidade em geral, contribuindo assim para uma perceção pouco digna da Escola pela Comunidade Educativa.

6.16 O TIPO DE RELAÇÃO QUE SE ESTABELECE ENTRE A ESCOLA E OS ATORES EDUCATIVOS

Para análise deste indicador, constatou-se através de encontros mantidos com os interlocutores que, o tipo de relação que a Escola estabelece com os atores educativos, processa-se sempre de forma vertical, isto é, de chefe para subordinado a vários níveis; exemplo: diretor-professor, professor com cargo de chefia (chefe de turno, turma, disciplina) – professor simples, professor-contínuos, seguranças das escolas, etc;

Nenhum dos inquiridos fez referência ao tipo de relação horizontal já que tais aspetos são fundamentais para a Comunidade Educativa não considerar apenas a Escola como um local de transmissão de conhecimentos e de formação das novas gerações para o futuro, mas considerar também a Escola, como local de formação multilateral sobretudo no aspeto moral e cívico em conformidade com as normas e padrões educacionais exigidos pela sociedade moderna.

Após a análise observou-se que 100% dos inquiridos, afirmaram que o maior contributo que a Escola oferece à comunidade onde ela está inserida, consiste na formação académica e profissional da juventude.

CONCLUSÕES FINAIS

Podemos concluir após esta investigação, que a mudança de atitude por parte das duas categorias, isto é, quer da parte da Escola, como dos atores educativos, é muito importante, pois, visa fundamentalmente fazer com que estas assumam responsabilidades compartilhadas com o objetivo de melhorar as condições de aprendizagem dos seus educandos.

A Escola e os atores educativos deverão trabalhar de forma coordenada, permitindo deste modo que as futuras gerações sejam educadas em conformidade com as normas civico-morais exigidas pela sociedade.

Deste modo, após análise e interpretação dos resultados da investigação, é oportuno afirmar que as hipóteses inicialmente formuladas foram confirmadas.

A Escola é percebida pela Comunidade Educativa apenas como um local direcionado para o ensino aprendizagem como se pode constatar:

- A grande maioria dos questionados não têm bem claro o conceito de Escola. Foi possível perceber que o entendimento de Escola para os elementos envolvidos na pesquisa, limita-se a uma instituição que tem por objetivo ensinar as crianças e jovens para posteriormente servirem a sociedade com dignidade;
- Verificou-se que mesmo os que têm um nível académico e cultural aceitável, não apresentam um conceito claro de Escola;
- A maioria dos inquiridos não olham para a Escola como sendo também seu local de trabalho;
- A população alvo deste estudo não tem a visão de que a Escola é também um espaço de interações sociais, que tem por finalidade a socialização da criança, sua iniciação na vida em sociedade.

A forma como a Escola é vista pela Comunidade Educativa determina o grau de envolvimento que os mesmos tem nela, pelas seguintes razões:

- No decorrer da investigação apurou-se que não é prática convidar a Comunidade Educativa na programação das atividades da Escola, bem como não tem sido prática esta mesma comunidade envolver-se nas atividades que a Escola realiza;
- O contributo que a Comunidade Educativa oferece à Escola, resume-se em ideias e/ou sugestões nas reuniões e comparticipação financeira sempre que é solicitada para solucionar questões pontuais, originando desta forma uma fraca participação;
- Quanto ao contributo da Escola na comunidade em que ela está inserida circunscreve-se apenas na formação académica e profissional dos seus alunos. Isto porque a Escola não estende a sua ação social à comunidade;
- Também se apurou que a Escola se fecha sobre si mesma, com reduzidos contactos e interações com os restantes parceiros da comunidade em geral;
- A grande parte dos professores não tem ideia do que é o Projeto Educativo de Escola;
- Verificou-se que as escolas planificam as suas atividades, sem ter em conta o Projeto Educativo o que dificulta ainda mais a participação da Comunidade Educativa nas atividades. Consequentemente também não se faz uma apreciação correta do papel que esta desempenha no seio da comunidade.

Os fatores que determinam a forma como a Escola é vista pela Comunidade Educativa são:

- As habilitações literárias dos atores educativos, o tempo de serviço como profissionais da educação, as condições de trabalho, a preparação/atualização dos atores educativos, o envolvimento dos atores educativos nas atividades realizadas pela Escola;

- Constatou-se que a Comunidade Educativa possui habilitações literárias baixas, porquanto, somente 40%, possui escolaridade obrigatória. Os restantes 60%, encontram-se em formação;
- Em relação à experiência de trabalho 60% dos professores inquiridos, possuem uma vasta experiência de trabalho que varia entre 5 a 22 anos de serviço; os restantes 40% oscilam entre os 2-5 anos;
- Constatou-se que as condições salariais e de trabalho são desfavoráveis para os atores educativos realizarem as suas atividades de forma condigna, quer para os que têm como tarefa a transmissão de conhecimentos, como os que têm por obrigação, o acompanhamento dos alunos quanto ao seu rendimento escolar;
- A forma como é concebida a preparação/atualização dos atores educativos, não garante o cumprimento cabal das suas tarefas nem uma correta perceção do papel da Escola no seio da comunidade;
- Existe um fraco envolvimento dos atores educativos nas atividades que a Escola realiza;
- Fraca interação entre direção de Escola-atores educativos -comunidade e vice-versa;
- A Escola não estende as suas ações para a comunidade o que resulta numa relação baseada no distanciamento, entre os atores educativos como: diretores-corpo docente, corpo discente e comunidade em geral;
- A não abordagem de temas transversais com os alunos na sala de aulas sobre o impacto da perceção que a Comunidade Educativa tem no seu envolvimento com a Escola:

LIMITAÇÕES DA INVESTIGAÇÃO

Nesta investigação realçamos o fato de termos encontrado muitas dificuldades no acesso à literatura específica para o tema. Em Luanda, as bibliotecas das Universidades, não têm um fundo bibliográfico que possibilitem pesquisas e não existem outras a que possamos recorrer. Por outro lado, existem quedas constantes do sinal da internet, o que dificulta a investigação e também os contatos com a Universidade de Évora dificultando a recolha de bibliografia.

Das obras consultadas não encontramos nenhum trabalho relacionado com o tema da investigação mas, as mesmas serviram de base metodológica para a estruturação do presente trabalho.

Podemos então realçar que as limitações do estudo se deveram essencialmente a:

- Sensibilização dos indivíduos que serviram de amostra no sentido de se disponibilizarem em receber-nos, aceitar a receção do questionário, tendo alguns deles exigido alguma compensação;
- Transporte para a área de realização do estudo e vice-versa;
- Elaboração de determinados quadros por inexperiência;
- Utilização da linguagem apropriada para efeitos de elaboração de um trabalho científico;
- Localização de literatura que abordasse assuntos relacionados com o tema;
- Informatização e impressão do trabalho;
- Atraso na devolução dos questionários.

SUGESTÕES E RECOMENDAÇÕES

Com a finalidade de contribuir para a melhoria da percepção da Escola pela Comunidade Educativa, deixamos algumas sugestões e recomendações a distintos níveis:

- a) É necessário que se envolva toda a Comunidade Educativa na planificação e gestão das atividades da Escola, com vista a permitir uma participação ativa de todos os atores nas atividades da mesma;
- b) É necessário que se estabeleçam relações flexíveis entre a direção das escolas e os demais atores educativos;
- c) Devem promover-se ações na comunidade como por ex: palestras sobre temas da atualidade, participação em campanhas de limpeza e saneamento básico, conservação do ambiente como é o caso da plantação de árvores bem como as campanhas de vacinação;
- d) Há que melhorar as condições salariais e de trabalho para permitir um tempo de permanência maior dos atores educativos no local de trabalho e com vista a envolverem-se cada vez mais nas atividades a serem realizadas pela Escola;
- e) A Escola não deve ser vista apenas como um meio de transmissão de conhecimentos científicos aos membros da sociedade mas, também como uma referência obrigatória através da qual os valores culturais, éticos, morais e cívicos, deverão ser respeitados, contribuindo deste modo não só para a sua preservação mas, sobretudo para a educação das futuras gerações;
- f) Garantir a participação de todos os atores educativos na planificação das atividades escolares, no início do ano letivo e atribuir responsabilidades com o objetivo de envolvê-los ativamente nas ações da Escola, realizando no final do ano uma avaliação com a finalidade de verificar o desempenho dos atores educativos, apontando os sucessos e insucessos com vista a melhorar o envolvimento de todos;

- g) Promover ações na Escola e na comunidade com o objetivo de ajudar a Comunidade Educativa a compreender a função social da Escola;
- h) Formar todos os atores educativos, tendo em conta a sua área de trabalho a fim de poderem contribuir de forma condigna no exercício das suas funções.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almeida, Ó. (1999). *O perfil ocupacional do professor primário da Província de Luanda*. Luanda: ISCED.

Araújo, L. (2003). *Didática geral e especial / 2º e 3º anos*. Luanda: ISCED.

Buza, F. (2002). *Teoria da educação*. Luanda: ISCED.

Delors, J. (1996). *Educação um tesouro a descobrir*. São Paulo: DF: MEC/UNESCO.

Canário, R. (1995). *Escola rural na europa I.C.E.* Setubal: Instituto das Comunidades Educativas.

Caquinda, I. (1999). *As expectativas da comunidade de Cacuaco em relação à escola*. Luanda: ISCED.

Carvalho, I. (1976). *O processo didático*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getulio Vargas

Diogo, J. (1998). *Parceria escola-família, a caminho de uma escola participada*. Porto: Porto Editora.

Ferreira, A. (2003). *A fabricação do quotidiano escolar*. Recife

Haidit, R. (1995). *Curso de didática geral, 2ª edição*. São Paulo: Editora Ática.

João, M. (2003). *Seleção e utilização das estratégias para o ensino/aprendizagem das ciências naturais na 4ª classe nas escolas apoiadas pelo Progama Ondjila da ADRA em Cacuaco*. Luanda.

Kudiqueba, A. (2001). *A seleção e utilização dos recursos de ensino na disciplina de biologia na 7ª classe*. Luanda: ISCED

Lakatos, E. (2002), *Sociologia geral, 6ª Edição*. São Paulo: Editora Atlas.

- Libaneo, J.** (2001). *Didática geral*. São Paulo: Editora Cortez.
- Lima, L.** (1996), *Para que servem as escolas*. Rio de Janeiro: Editora Vozes Lda.
- Marques, R.**(2000). *Dicionário breve de pedagogia*, 1ª edição. Lisboa: Editorial Presença.
- Matos, V.**(2003) *Metodologia de Investigação Pedagógica*. Luanda:ISCED.
- Nuno, M.** (2004). *Estudo sobre as doenças mentais na cidade de Luanda, (caso do Município da Ingombota)*. Luanda:ISCED.
- Neto, A.**(2005). *Situação do Setor da Educação em 2003*. Luanda: Edições Kulonga.
- Peterson, P.**(2004). *O Professor do Ensino Básico: Perfil e Formação*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Piletti, N.** (1991). *Sociologia da Educação*. pag.105. São Paulo: Editora Ática.
- Pinto, C.** (2001). *Sociologia da escola*. Lisboa : McGraw-Hill, 2001.
- Quivy, R.; Campenhoudt, L.**(1992). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Salomon, D.** (1979) *Como fazer uma monografia; elementos do trabalho científico*, 6ª edição. Belo Horizonte: Instituto de Psicologia da Universidade Católica de Minas Gerais.
- Trindade, R.**(1998). *As Escolas do Ensino Básico como Espaços de Formação Pessoal e Social: Questões e perspectivas*.Porto. Porto Editora.

Veiga, I. (1994). *A Prática Pedagógica do Professor de didática*. São Paulo:Papirus Editora.

ANEXOS

ANEXO 1

DIRETORES E SUBDIRETORES DE ESCOLA

O presente inquérito, visa recolher informações sobre a forma como a Escola é percebida pela Comunidade Educativa. Agradecemos que responda com sinceridade as questões que se seguem.

Dados pessoais

Idade --- Sexo -----

Profissão -----

Habilitações literárias -----

Tempo de serviço na função -----

1 - O que entende por escola?

2 - Quando planifica as atividades da escola

- Planifica sozinho?

- Planifica com os membros da direção?

- Planifica ouvindo todos os atores educativos da escola?

3 - Acha que nas atividades que a escola realiza, tem envolvido a comunidade educativa? Sim Não

a) - Se sim de que forma?

b) - Se não porquê?

4 - Que relação existe entre a Comunidade Educativa e a escola que dirige?

5 - Como envolve a comunidade nas atividades da escola?

8 - Acha que as atividades que a escola programa têm ajudado a integração social do aluno e o desenvolvimento da comunidade em que ela está inserida?

Sim Não

9 - Dê a sua sugestão de como a escola deve atuar para melhorar a percepção da Comunidade Educativa sobre a escola.

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS PROFESSORES

O presente inquérito, visa recolher informações sobre a forma como a escola é percebida pela Comunidade Educativa. Agradecemos que responda com sinceridade as questões que se seguem.

Dados pessoais

Idade --- Sexo -----

Profissão -----

Habilitações literárias -----

Tempo de serviço -----

1 - Gosta da escola onde trabalha? Sim Não

Porquê?-----

2 - Tem filho na escola? Sim Não

Porquê? -----

3 - Que conceito tem de escola? -----

4- Acha que a escola do seu bairro contribui para o desenvolvimento da comunidade em que está inserida?

Sim Não

Porquê -----

5- Acha que a escola quando realiza atividades envolve atores educativos que trabalham na escola? Sim Não

Porquê? -----

6 - A escola tem convidado pessoas da comunidade a abordarem temas da atualidade? Sim Não

Porquê?-----

7 –De que forma tem participado nas atividades que a escola realiza?

- ✓ Na planificação geral das atividades da escola
- ✓ Nas atividades extraescolares
- ✓ Nas reuniões de notas

8 - Tem beneficiado de formação pedagógica para melhorar a sua prática pedagógica? Sim Não

Comente? -----

10 – Tem projeto educativo? Sim Não

ANEXO 3

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS ALUNOS

O presente inquérito, visa recolher informações sobre a forma como a escola é percebida pela Comunidade Educativa. Agradecemos que responda com sinceridade as questões que se seguem.

Dados pessoais

Idade --- Sexo -----

Profissão -----

Classe/Ciclo -----

Disciplina que mais gosta -----

1 – Gostas da sua escola? Sim Não

Porquê?-----

1. - A escola é o local onde se prepara o aluno para:

- aprender a trabalhar na comunidade
- ser útil à sociedade
- aprender bons hábitos, costumes.
- Adquirir capacidade de viver na comunidade
- Adquirir conhecimentos

3 - Tens participado nas atividades que a escola realiza?

Sim Não

Porquê? -----

4 - Quais são as atividades em que tens participado?

- ✓ Na alfabetização
- ✓ Nas atividades desportivas
- ✓ Nas reuniões de notas
- ✓ Nas campanhas de limpeza e embelezamento
- ✓ Na organização dos alunos
- ✓ Na avaliação de desempenho da escola

5 - Acha que a escola quando realiza atividades envolve atores educativos que trabalham na escola? Sim Não

Porquê? -----

6 - A escola tem convidado pessoas da comunidade a abordarem temas da atualidade? Sim Não

Porquê?-----

7 - Acha que o seu encarregado não aceitaria? Sim Não

Porquê?-----

8 - Que sugestões tem para melhorar a forma como a Comunidade Educativa percebe a escola?-----

ANEXO 4

QUESTIONÁRIO DIRIGIDO AOS FUNCIONÁRIOS ADMINISTRATIVOS

O presente inquérito, visa recolher informações sobre a forma como a escola é percebida pela Comunidade Educativa. Agradecemos que responda com sinceridade as questões que se seguem.

Dados pessoais

Idade --- Sexo -----

Profissão -----

Habilitações literárias -----

Tempo de serviço -----

1 - Tem filho na escola? Sim Não

2 - Que conceito tem de escola?-----

3 - Tem participado nas atividades programadas pela escola?

Sim Não

Porque?-----

4 - Das atividades abaixo mencionadas quais são aquelas em que costuma participar?

- ✓ Na organização dos alunos
- ✓ Nas festividades organizadas pela escola
- ✓ Nas reuniões com os pais e encarregados de educação
- ✓ Nas atividades recreativas e desportivas organizadas pela escola
- ✓ Nas reuniões do conselho de notas
- ✓ Nas reuniões do conselho de disciplina
- ✓ Nas atividades administrativas

Se tem participado em outras atividades, cite-as. -----

5 - Dos fatores abaixo mencionados, quais são os que determinam a atual forma de percepção da escola pela Comunidade Educativa?

- ✓ Falta de formação dos atores educativos
- ✓ Não atualização permanente do quadro docente e não docente
- ✓ A gestão das atividades na escola
- ✓ A desmotivação pela carreira profissional
- ✓ Os salários dos profissionais da educação
- ✓ O tipo de relação que se estabelece com os atores educativos

6 - Acha que a escola tem desempenhado a sua função social? Sim
Não

De que maneira?-----

7- Acha que a escola também contribui para a educação da comunidade em que está inserida? Sim Não

Como?-----

8 – Que importância tem a escola para si?-----

9 - Alguma vez foi chamado para contribuir na melhoria do funcionamento da sua escola? Sim Não

Se sim, como?-----

Se não, porquê? -----

10 - O que é que pensa que a escola deve fazer para envolver cada vez mais a Comunidade Educativa nas atividades relacionadas com a escola?

- ✓ Formular convites aos pais e encarregados de educação sobre os problemas da escola
- ✓ Dar oportunidade para que todos possam pronunciar-se sobre as irregularidades constatadas na escola

- ✓ Programar encontros de reflexão com a Comunidade Educativa sobre temas da atualidade
- ✓ Criar uma comissão de pais e encarregados de educação para trabalhar em coordenação com a escola
- ✓ Incentivar uma interação entre os atores educativos

11 – Apresente sugestões que possam ajudar a Comunidade Educativa a ter uma correta perceção da escola. -----

ANEXO 5

PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

O presente inquérito, visa recolher informações sobre a forma como a escola é percebida pela Comunidade Educativa. Agradecemos que responda com sinceridade as questões que se seguem.

Dados pessoais

Idade --- Sexo -----

Profissão -----

Habilitações literárias -----

1. O que entende por escola?
2. Tem participado nas atividades geralmente programadas pela escola?
Sim Não
3. Acha que as atividades programadas pela escola têm influenciado na integração social dos alunos? Sim Não
4. Acha que a escola tem atraído suficientemente a Comunidade Educativa a participar nas atividades por ela programadas? Sim Não
5. Acha que a escola contribui para o desenvolvimento da comunidade onde ela está inserida? Sim Não
6. Qual é a relação existente entre a escola, pais e Comunidade Educativa?
Sim Não
7. Alguma vez foi convidado a contribuir na resolução de um problema vivido pela escola? Sim Não
8. Acha que a escola ao programar as suas atividades, tem tido em conta a realidade local? Sim Não

9. Acha que o êxito das atividades da escola depende do envolvimento da Comunidade Educativa e comunidade em geral nas atividades da mesma? Sim Não
10. Dê a sua opinião sobre o que devia ser feito para que a Comunidade Educativa se envolvesse cada vez mais nas atividades da escola?
Sim Não
11. Que opinião tem sobre a relação existente entre os atores educativos?
Sim Não
12. Apresente algumas sugestões que possam contribuir para uma melhor perceção da Comunidade Educativa sobre a escola?

ANEXO 6

TRABALHADORES DE LIMPEZA, CONTÍNUOS, TRABALHADORES DAS CANTINAS E SEGURANÇAS DAS ESCOLAS

O presente inquérito, visa recolher informações sobre a forma como a escola é percebida pela Comunidade Educativa. Agradecemos que responda com sinceridade as questões que se seguem.

Dados pessoais

Idade --- Sexo -----

Profissão -----

Habilitações literárias -----

Tipo de atividade -----

Tempo de serviço -----

1- O que entende por escola? -----

2- O que pensa da escola do seu bairro (onde trabalha)? -----

3- Na sua opinião qual é a relação que existe entre a Comunidade Escolar e a escola? -----

4- Quais são as atividades que a escola realiza e que tem participado?

- ✓ Nas reuniões com os pais
- ✓ Nas assembleias gerais
- ✓ Nos conselhos pedagógicos
- ✓ Nas campanhas de limpeza e embelezamento da escola
- ✓ Nas campanhas de vacinação
- ✓ Nas campanhas de registo de nascimento
- ✓ Nas visitas a lugares históricos
- ✓ Nas atividades extraescolares

Se participa em outras, cite-as. -----

Está satisfeito com a atuação da escola do seu bairro?

Sim Não

Porquê? -----

O que acha que a escola deve fazer para envolver a Comunidade Educativa nas atividades realizadas pela escola?

- ✓ Convidar os atores educativos que trabalham na escola
 - ✓ Criar comissões de trabalho
 - ✓ Dar oportunidade dos atores educativos de apresentarem sugestões na resolução dos problemas
 - ✓ Organizar encontros periódicos para abordar temas da atualidade
- 5- Quando é convidado pela escola como tem sido a sua participação?
- ✓ Ativa
 - ✓ Pouco ativa
 - ✓ Passiva

Porquê? -----

8 - Apresente sugestões que ajudem a Comunidade Educativa a ter uma perceção correta sobre a escola. -----